

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RAFAELA SILVA FERNANDES DE OLIVEIRA

Vou com o Corinthians em qualquer lugar: A mudança do perfil socioeconômico dos torcedores na Era Arena Corinthians

SÃO PAULO
2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Vou com o Corinthians em qualquer lugar: A mudança do
perfil socioeconômico dos torcedores dos Sport Club
Corinthians Paulista na Era Arena Corinthians**

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Autora: Rafaela Silva Fernandes de Oliveira

Orientadora: Prof. Dra. Simone Scifoni

SÃO PAULO
2024

Rafaela Silva Fernandes de Oliveira

Vou com o Corinthians em qualquer lugar: A mudança do perfil socioeconômico dos torcedores dos Sport Club Corinthians Paulista na Era Arena Corinthians

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Simone Scifoni

ao pequeno grande cachorro tomate

AGRADECIMENTOS

Ter a oportunidade de falar e pesquisar sobre uma das minhas maiores paixões é um privilégio enorme para uma mulher que durante o ensino fundamental foi obrigada a escutar que futebol era “coisa de menino” e que eu deveria saber a escalação do Corinthians de 1972 para ser validada como uma torcedora. O futebol faz parte da minha alma e tenho orgulho de ser uma alma alvinegra. Desde 2019 meus estudos geográficos passam por leituras, fichamentos e construções de relatórios de trabalhos de campos com uma narração esportiva como uma música ambiente. Durante a pandemia, uma parte de mim se perguntou em como eu poderia ser feliz na área da geografia se eu não poderia falar de futebol e, por obra do destino, encontrei em meio as optativas da Universidade de São Paulo, a área da geografia esportiva.

Gostaria de agradecer à minha mãe, Eliane da Silva, por me dar as oportunidades que me fizeram chegar neste momento, sou grata por você fazer eu entender a frase “Viver é partir, voltar e repartir” e muito obrigada por ter trago à minha vida o pacote Wesley Cerqueira e a dona Manuela, minha querida irmã que me fez perceber que eu sou uma pessoa útil e foi a razão de loucuras e risadas durante os tempos difíceis da pandemia. Agradeço à Simone Pereira e Maria Aparecida por serem um dos meus pilares e terem ajudado à minha mãe com a minha criação, tenho orgulho de ser sobrinha e neta de vocês. Sou eternamente grata pelo meu pai, Sérgio Henrique, ter me escolhido para ser sua filha, obrigada por acreditar em mim e ver meu potencial desde criancinha e ter me levado por todos os cantos de São Paulo e muito obrigada por ter trago a Nayara Damiani à minha vida, ela é bem legal com as suas ideias mirabolantes que me ajudam muito no dia a dia. Sou muito grata por ter nascido e ter sido criada dentro da Família Silva, a família da casa do 70 no bairro do Lauzane Paulista.

Quero expressar minha gratidão à Pedro Pimenta, me sinto muito feliz por ter você em minha jornada. Obrigada por me ajudar nos altos e baixos, nos trabalhos acadêmicos e nas refeições divididas durante esse tempo. Obrigada por trazer o Milton e o Sócrates à nossa vida. Obrigada pelo suporte. Sou grata por receber seu amor.

Serei eternamente grata aos meus amigos da turma de Geografia 2019 no período noturno. Matheus Fernandes, Yuri Cruz, Iasmin Melo, Miguel Righetto e Sarah

Samartini, saibam que vocês foram um dos pequenos toques do que eu sou hoje, tudo que aprendi de bandejões, listas de presenças, trabalhos presenciais e remotos, um pedaço da minha persona universitária é feito de vocês. Uma menção aos meus amigos da ETEC Albert Einstein, em especial à Catarina Cruz, suas conquistas me fizeram saber que eu poderia estar dentro da Universidade de São Paulo.

Agradeço aos meus amigos da gestão da Atlética da FFLCH, obrigada por confiarem em mim e obrigada por me mostrarem como é ser amada dentro do esporte universitário. Agradeço ao time de futsal e futebol feminino por terem me acolhido durante a pandemia, o esporte universitário é sinônimo de permanência estudantil e sempre estarei aqui para continuar a luta.

Uma menção honrosa a todos os professores do departamento de geografia pelo seu comprometimento nas aulas de graduação e pela condução de pesquisas excepcionais. Especialmente à minha orientadora, Simone Scifone, que me acolheu durante a orientação deste trabalho, obrigada por escutar e me ajudar a atingir meu objetivo. Obrigada Prof.^o Ary José Rocco da EFE-USP, obrigada pela conversa que me trouxe de volta a graduação de Geografia.

Por fim, agradeço ao projeto “Amarelo” de Emicida e Fióti, que foi minha trilha sonora desde o início da graduação. As palavras ditas e as melodias foram parte do meu cotidiano uspiano e sempre me lembrou de jamais voltar para a minha quebrada de mão e mente vazia. Ir atrás desse diploma é meu ato de coragem e gratidão a todos antes de mim.

*“O Corinthians não é só um time e uma torcida.
É um estado de espírito.” - Sócrates*

RESUMO

Propõe-se uma reflexão sobre a mudança do perfil socioeconômico dos torcedores do Sport Clube Corinthians Paulista com as alterações das dinâmicas espaciais e estruturais com a inserção da arenização do futebol brasileiro. Nesse sentido, observa-se a disseminação do imaginário relacionado ao “padrão Fifa” e ao “sonho na nova arena” como representação da grandiosidade dos principais clubes brasileiros e da implementação do perfil de torcedor consumidor. Entretanto, é necessário investigar como esse contexto se relaciona aos interesses associados à mudança do perfil socioeconômico dos torcedores dos estádios, atualmente encarados como um local para consumir o esporte. Para executar essa análise, emerge o caso da mudança dos jogos do Sport Clube Corinthians Paulista os quais eram sediados dentro do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, também chamado como Estádio do Pacaembu, e passaram a ser jogados na Arena Neo Química, conhecida como Arena Corinthians. O texto pretende aprofundar a análise desses debates, investigando em que medida a mudança do perfil socioeconômico dos torcedores, frequentadores dos jogos nos estádios, foi alterado em torno das intenções de mercantilização do esporte e modernização dos estádios, baseadas no argumento da alteração dos preços dos ingressos tendo a interferência da mudança de localização dos jogos e, tendo como consequência, a modificação no cotidiano e no perfil dos torcedores que utilizam o equipamento esportivo. Para tanto, o estudo se desenvolverá a partir de três aspectos: analisar o Pacaembu enquanto elemento de memória e identidade da cidade de São Paulo e como o estádio se fundamenta na história do time alvinegro; verificar a mudança espacial dos jogos do Corinthians após a criação da Arena Corinthians e aprofundar o entendimento sobre os debates recentes sobre a criação de um novo torcedor com um perfil socioeconômico distinto devido a capitalização do esporte bretão.

PALAVRAS CHAVE: Geografia dos esportes; arenização; estádios; torcedor.

ABSTRACT

A reflection is proposed on the change in the socioeconomic profile of Sport Clube Corinthians Paulista fans with the changes in spatial and structural dynamics with the insertion of the stadiums into arenas of Brazilian football. In this sense, we observe the dissemination of imagery related to the “Fifa standard” and the “dream in the new arena” as a representation of the grandeur of the main Brazilian clubs and the implementation of the consumer fan profile. However, it is necessary to investigate how this context relates to the interests associated with the change in the socioeconomic profile of stadium fans, currently seen as a place to consume sport. To carry out this analysis, the case emerges of the change of Sport Clube Corinthians Paulista games, which were held inside the Paulo Machado de Carvalho Municipal Stadium, also known as the Pacaembu Stadium, and started to be played at the Neo Química Arena, known as the Arena Corinthians. The text intends to deepen the analysis of these debates, investigating to what extent the change in the socioeconomic profile of Corinthians club fans was altered around the intentions of commercialization of sport and modernization of stadiums, based on the argument of changing ticket prices having interference the change in location of games and, as a consequence, changes in the daily life and profile of fans who use sports equipment. To this end, the study will be developed from three aspects: analyzing Pacaembu as an element of memory and identity in the city of São Paulo and how the stadium is based on the history of the black and white team; verify the spatial change of Corinthians games after the creation of the Corinthians Arena and deepen the understanding of recent debates about the creation of a new fan with a different socioeconomic profile due to the capitalization of Breton sport.

KEYWORDS: Sports geography; arenas; stadiums; fan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CRONOLOGIA DO FUTEBOL MASCULINO BRASILEIRO: DE TRADIÇÕES E GLÓRIAS MIL.....	18
PACAEMLU: ETERNAMENTE DENTRO DOS NOSSOS CORAÇÕES.....	25
CORINTHIANS: A BUSCA PELA CASA CORINTHIANA ARENA CORINTHIANS...38	
TORCEDOR PROTAGONISTA: O DIREITO DA FIEL QUE PAGA INGRESSO SEM PARAR.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

LISTA DE IMAGENS

Imagen 01 - Time varzeano do bairro Lausanne Paulista	19
Imagen 02 - Clube Atlético Juventus	21
Imagen 03 - Propaganda de compra de lotes no bairro Pacaembu	27
Imagen 04 - Estádio Municipal do Pacaembu em construção	28
Imagen 05 - Planta do Estádio do Pacaembu	29
Imagen 06 - Uma bandeira gigante faz alusão a República Popular do Corinthians no tobogã	33
Imagen 07 - Concha acústica do Estádio do Pacaembu	34
Imagen 08 - O tobogã é um espaço da arquibancada	34
Imagen 09 - Torcida do Corinthians na Praça Charles Miller antes de um jogo	37
Imagen 10 - Campo do Lenheiro no bairro do Bom Retiro	40
Imagen 11 - Estádio da Ponte Grande	43
Imagen 12 - Estádio do Parque São Jorge	45
Imagen 13 - O Estádio Alfredo Schürig	46
Imagen 14 - O primeiro derby no Estádio do Pacaembu	46
Imagen 15 - A torcida do Corinthians lotando o Estádio do Pacaembu	47
Imagen 16 - Mapa dos setores do Estádio do Pacaembu	62
Imagen 17 - Mapa dos setores da Arena Corinthians	66
Imagen 18 - Desafio do Intervalo na Arena Corinthians	67
Imagen 19 - Hall do setor oeste da Arena Corinthians	69

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Área de estudo - Estádio do Pacaembu	14
Mapa 02 - Área de estudo - Arena Corinthians	15
Mapa 03 - Mapa Topográfico do entorno do Estádio do Pacaembu	25
Mapa 04 - Campo do Lenheiro	41
Mapa 05 - Estádio Ponte Grande	41
Mapa 06 - Estádio Alfredo Schürig.....	43
Mapa 07 - Arena Corinthians.....	51
Mapa 08 - Cronologia da passagem do Sport Club Corinthians pelos estádios utilizados.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Jogos do Sport Club Corinthians contra a Sociedade Esportiva Palmeiras no Estádio do Pacaembu com dados sobre o ano, data, campeonato, público, renda e média de preços dos ingressos.....	55
---	----

INTRODUÇÃO

A cidade capitalista é essencialmente um espaço de confrontos. Os trabalhadores, ao longo da história, formularam diversas estratégias de organização e embates diante do processo de formação da cidade burguesa. Para além de sindicatos, partidos e ativismos em geral, teceram táticas e estratégias informais de resistência à ordem urbana hegemônica. Tais estratégias incluem, para muitos num plano secundário, a apropriação cotidiana dos espaços para satisfazer necessidades diversas, da sobrevivência material imediata ao lazer e à sociabilidade.

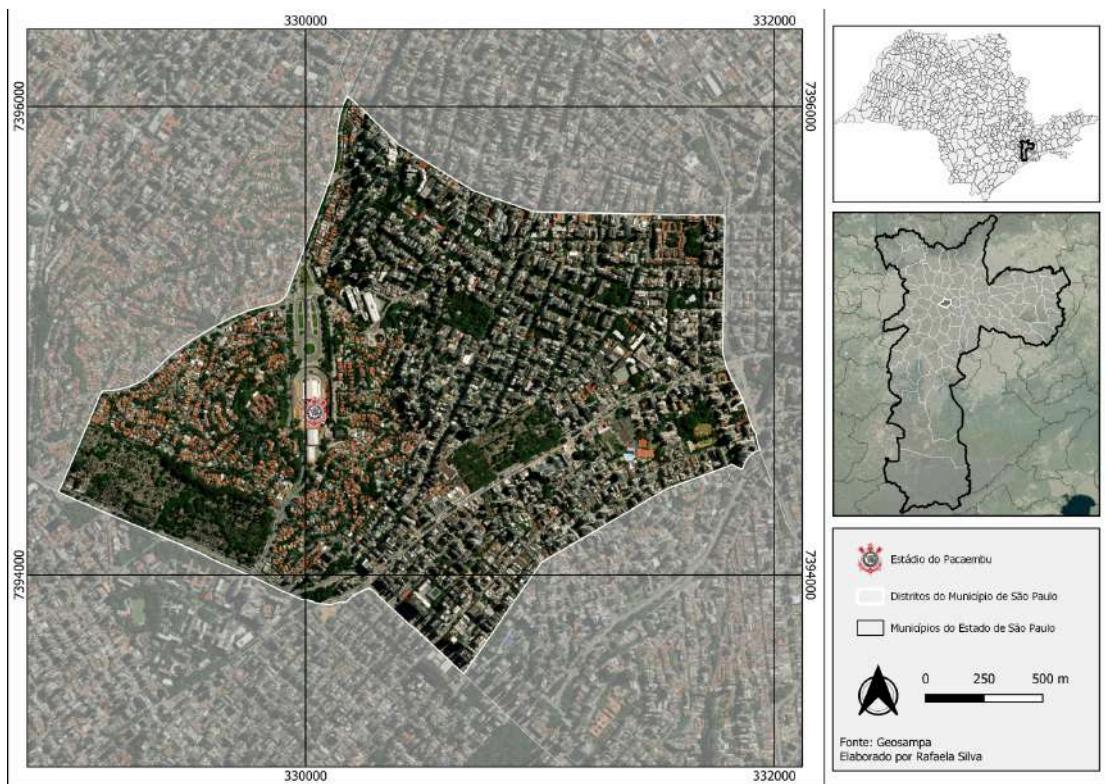
Tendo em vista essas considerações, a ocupação dos estádios de futebol pela classe trabalhadora foi se transformando e com ela possíveis mudanças no perfil socioeconômico dos torcedores começaram a surgir. Através da pesquisa e análise bibliográfica foi estudado como o processo de arenização, que consideravelmente aumentou os preços e tirou o time de uma região central para uma região no extremo leste da cidade, que mesmo que acessível pelo transporte público trouxe novos enclaves de tempo para quem habita outras regiões, podem ter influenciado nesse processo e agravado a capacidade de apropriação das classes mais vulneráveis a um espaço de lazer.

Assim, a pesquisa consiste em uma análise sobre fatores que levaram a possíveis mudanças do perfil socioeconômico dos frequentadores do estádio do Sport Clube Corinthians Paulista, após a mudança dos jogos do time alvinegro derbies contra a Sociedade Esportiva Palmeiras do Estadio do Pacaembu para Arena Corinthians. A escolha de utilizar os dados dos jogos clássicos entre Corinthians e Palmeiras foi fundamentada na intensa rivalidade entre os clubes e no fato de que esses confrontos tendem a gerar uma demanda significativamente maior por ingressos, resultando em preços mais elevados. Essa decisão permitiu observar de forma mais clara as flutuações nos preços dos ingressos em eventos de alta procura. Além da análise mencionada anteriormente, este estudo constitui a avaliação final da disciplina de Trabalho de Graduação Individual II necessária para a obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Tal documento foi desenvolvido a partir da sistematização dos resultados colhidos por meio da execução das tarefas previstas no cronograma do projeto apresentado na disciplina de Trabalho de Graduação Individual I e tem por objetivo explicar os resultados da pesquisa.

O primeiro capítulo “Cronologia do futebol masculino brasileiro: De tradições e glórias mil” é composto por uma análise detalhada da evolução do futebol desde suas origens elitistas na Inglaterra do século XIX até sua atual configuração como um fenômeno globalizado e altamente comercializado. Inicialmente, o texto explora as raízes do esporte, destacando como suas regras foram padronizadas nas instituições educacionais frequentadas pela elite inglesa e como a prática passou de um jogo popular a uma atividade recreativa restrita a uma classe social específica. Na parte seguinte, são abordadas as etapas de democratização do futebol, desde sua chegada ao Brasil pelas mãos da burguesia até sua popularização entre a classe trabalhadora, com o surgimento do futebol de várzea e dos clubes mantidos por empresas. Em seguida, o capítulo discorre sobre o processo de profissionalização do esporte, destacando a incorporação de remuneração aos jogadores, a criação de ligas e o surgimento do futebol de fábrica como elementos-chave nessa trajetória. Além disso, são exploradas as transformações estruturais ocorridas no futebol contemporâneo, marcadas pela comercialização do espetáculo, a introdução maciça de publicidade e as mudanças técnicas e táticas que moldaram o jogo ao longo do tempo. Por fim, o parágrafo ressalta o impacto do futebol na paisagem urbana, evidenciando sua influência na forma e no caráter das cidades e a importância do planejamento urbano para promover a harmonia entre os espaços destinados ao esporte e o tecido urbano.

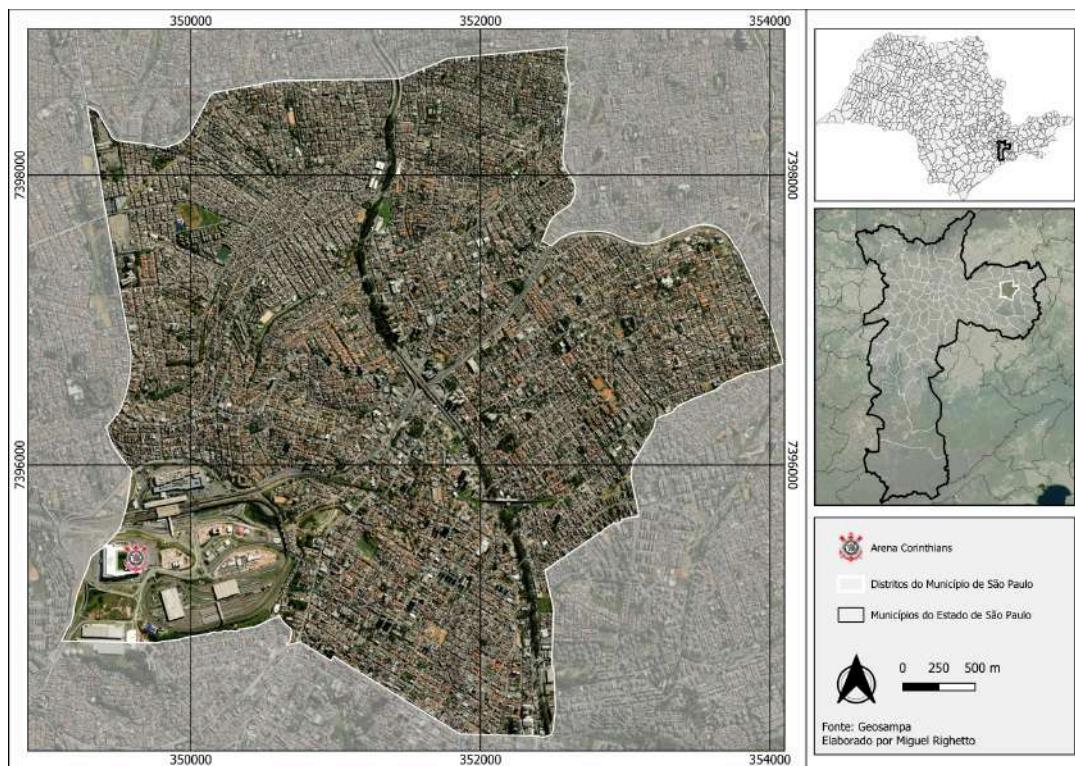
O segundo capítulo, baseado em um método de revisão bibliográfica e análise da alteração territorial, investiga a história e evolução do estádio do Pacaembu (Mapa 1) ao decorrer da história da cidade de São Paulo. Situado no vale entre os bairros Perdizes, Higienópolis e Consolação, o Pacaembu tem suas raízes em uma área rural que foi loteada pela empresa inglesa City of São Paulo Improvements and Freehold Company Limited. Influenciado pelo arquiteto Joseph Antoine Bouvard, o Plano Bouvard concebeu o estádio como parte de uma visão de modernização urbana, seguindo os preceitos das cidades-jardim. Desde sua inauguração em 1940, o Pacaembu tem sido palco de eventos esportivos importantes, mas enfrentou desafios com a redução de sua proeminência em relação a outros estádios, como o Maracanã e o Morumbi. Propostas de modernização e debates sobre sua preservação como espaço público versus comercial refletem questões sociais e culturais. Apesar disso, o Pacaembu continua a ser um marco histórico importante para os principais clubes paulistas, representando uma parte significativa da cultura e do lazer na cidade de São Paulo.

Mapa 01 - Área de estudo - Estádio do Pacaembu



No terceiro capítulo deste trabalho, é adotado o método de revisão bibliográfica e análise da mudança de sedes esportivas ao longo dos anos no contexto do Clube Corinthians. A história do clube, marcada por sua origem como um time de bairro e sua ascensão ao cenário profissional do futebol, revela uma jornada permeada por desafios na busca por uma sede adequada para suas atividades esportivas. Desde os primeiros anos no bairro do Bom Retiro até a aquisição do Parque São Jorge como sede definitiva, o Corinthians enfrentou obstáculos logísticos e estratégicos para se estabelecer. A inauguração do Estádio Ponte Grande foi um marco significativo na história do clube, proporcionando não apenas um local para a prática esportiva, mas também contribuindo para o lazer coletivo da cidade. No entanto, a crescente demanda de público nos jogos exigiu a busca por alternativas, culminando na relação estreita com o Estádio do Pacaembu e as negociações para torná-lo a casa definitiva do clube. Ao longo das décadas, diversas tentativas de construir um estádio próprio foram feitas, refletindo as transformações no mundo esportivo e a necessidade de adaptação às exigências da FIFA. A concepção e construção da Arena Corinthians representam não apenas uma resposta às demandas contemporâneas do mercado esportivo, mas também uma evolução na relação entre clubes, torcedores e espaços esportivos.

Mapa 02 - Área de estudo - Arena Corinthians



A análise das transformações no cenário esportivo paulistano, especificamente no contexto do Sport Club Corinthians Paulista, revela uma interseção complexa entre elementos sociais, econômicos e culturais. Desde a mudança dos jogos do Corinthians do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians, ocorreu uma reconfiguração não apenas física, mas também simbólica do espaço urbano e da experiência do torcedor. Essa transição não só refletiu mudanças nas práticas de consumo e na comercialização do esporte, mas também influenciou as dinâmicas de identidade e pertencimento dos torcedores. O quarto capítulo é dedicado a este assunto, emprega a metodologia de análise dos valores dos ingressos e do perfil do público nos jogos do Corinthians contra seu grande rival, o Palmeiras, como um meio de compreender as nuances das mudanças sociais e econômicas ocorridas nesse período. A introdução do conceito de "arenização" evidencia uma metamorfose na estrutura do futebol, priorizando o aspecto comercial sobre o esportivo e redefinindo o perfil socioeconômico dos frequentadores dos estádios. A análise das variações nos preços dos ingressos ao longo das décadas, bem como das mudanças na localização dos jogos, revela uma dinâmica complexa de exclusão e inclusão socioeconômica no acesso ao entretenimento esportivo. Nesse contexto, o espaço do estádio de futebol emerge como um produto social politicamente moldado, onde as decisões de localização e estruturação refletem e perpetuam desigualdades socioeconômicas e

relações de poder na sociedade. Assim, a compreensão dessas transformações exige uma análise abrangente que considere não apenas os aspectos materiais, mas também os simbólicos e políticos do espaço urbano e esportivo.

Nas considerações finais, se apresenta uma síntese dos temas tratados nos capítulos anteriores.

CAPÍTULO I

CRONOLOGIA DO FUTEBOL MASCULINO BRASILEIRO: DE TRADIÇÕES E GLÓRIAS MIL

O futebol, tal como é entendido hoje, teve suas regras padronizadas em meados do século XIX na Inglaterra, em instituições educacionais frequentadas por jovens provenientes das camadas sociais mais privilegiadas. Esse processo originou-se de um jogo popular denominado "hurling over goals". Ao apropriar-se dessa prática com uma longa tradição entre o povo, a elite inglesa conferiu-lhe novos significados. O jogo foi transformado em uma atividade desinteressada, recreativa e restrita para um esporte de classe social específica.

O esporte bretão chegou no Brasil pela burguesia que tinha poder aquisitivo para praticar o esporte devido ao alto custo para obter os materiais esportivos (chuteiras, uniformes, caneleiras, bolas, etc.) que eram importados do continente europeu. A seletividade do esporte também chegava nas arquibancadas, a torcida dentro dos campos era composta por moças e rapazes de famílias tradicionais junto a homens vestidos com ternos e senhoras com seus longos vestidos que tinha como objetivo torcer por seus familiares e amigos.

Como já citado movimento neoclássico de resgate do exercício físico como portador de benefícios orgânicos e morais. Tal movimento se manifesta em diversos centros europeus e está, também, relacionado ao avanço das pesquisas médicas que já apontavam para os males da atitude sedentária das elites. O iluminismo favoreceu a emergência deste ideário de valorização do corpo, seus movimentos e potencialidades, algo muito distinto das concepções reinantes na cristandade. A própria Igreja acabou redefinindo radicalmente sua postura em relação aos esportes, passando a estimulá-los sistematicamente, a partir de meados do século XIX, numa atitude que a literatura especializada consagrou como cristianismo muscular.(MASCARENHAS de JESUS, 2011, p.17).

No entanto, devido à sua natureza coletiva, o futebol parecia ter o propósito de ser um esporte a democratizar-se rapidamente. Em pouco tempo, tornou-se uma parte integral da cultura da classe trabalhadora. Anos mais tarde, oficialmente a partir de 1885, o futebol começou a ser praticado por alguns clubes como uma atividade profissional. O esporte poderia ser praticado com improvisações como ser jogado com qualquer número de jogadores, sem nivelamento de idade e precisaria apenas de um

espaço aberto e materiais que poderiam ser arredondados para simular uma bola de futebol.



Imagen 01 - Time varzeano do bairro Lausanne Paulista.

Fonte: A História do Tigre da Cantareira – Edição histórica ilustrada dos 75 anos do Lausanne Paulista F.C.

O crescimento da prática do futebol entre grupos sociais diferentes gerou diversas mudanças na sua estrutura e na sua dinâmica; sua dispersão social foi acompanhada por uma transformação na maneira de praticá-lo. Assim, iniciou-se o futebol de várzea onde a improvisação era o pilar para que a classe baixa ocupasse os espaços vazios da cidade paulistana com os primeiros campos, grande parte em bairros operários. Além de administrar as equipes de futebol, os clubes destes bairros organizaram atividades sociais como bailes e excursões que abarcavam mulheres e crianças que faziam parte da torcida organizada dos times de várzea.

Desde os primeiros anos deste século uma febre foi invadindo todas as ruas, quintais, portas de fábricas, terrenos baldios e o que mais houvesse. As práticas lúdicas do futebol integravam com muita força as novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha. Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as seções de trabalho (SEABRA. 2003, p.271).

Ao lado da várzea, os clubes mantidos por empresas, grande parte por indústrias, foram outro pilar da democratização do esporte. De acordo com Caldas, o futebol proletariza-se mediante a criação de um mercado de jogadores regulados pela lei da oferta e demanda. Os trabalhadores começaram uma organização para a criação de associações desportivas entre colegas, no local de trabalho, onde poderiam ter acesso ao futebol. Assim, a construção de uma tradição operária de futebol amador praticada em clubes de fábrica, em geral, foi criada por iniciativa dos próprios trabalhadores, muito embora as empresas desempenhassem papel fundamental na manutenção dessa atividade, através de colaboração material e financeira.

Desde os primeiros anos deste século uma febre foi invadindo todas as ruas, quintais, portas de fábricas, terrenos baldios e o que mais houvesse. As práticas lúdicas do futebol integravam com muita força as novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha. Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as seções de trabalho (SEABRA. 2003, p.271).

O futebol de fábrica, considerado como amador, foi perpassado sobretudo por uma forma de incentivar os trabalhadores a jogar pela sua empresa. Muitos trabalhadores se dedicavam exclusivamente ao esporte e, com isso, recebiam um "extra" a cada partida e, caso tinha-se conhecimento de um jogador de várzea que estivesse em destaque, os empregadores contornavam a situação de falta de laços empregatícios com a contratação do jogador com um emprego-fantasma onde o atleta teria um registro falso como funcionário da empresa e, assim, poderia jogar pelo time. É plausível que diversos clubes de fábrica tenham surgido a partir de simples "bate-bolas", isto é, de partidas de futebol improvisadas realizadas nas ruas ou nos pátios da fábrica durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que desejassesem participar. Gradualmente, a diversão adquiriu maior estrutura. Dado o interesse crescente, os times começaram a ser constituídos no interior de cada divisão de uma mesma fábrica. Com o aumento do número de times, mais jogos eram promovidos, ampliando o período de jogo. Logo, apenas o intervalo para o almoço já não era suficiente. Assim, a atividade se expandiu para os fins de semana (Antunes,1992).

O clube não se limitava à prática do futebol. Também promovia atividades sociais, nas quais participavam os membros associados e seus familiares, como

danças, piqueniques, excursões, apresentações teatrais, celebrações de fim de ano, entre outras. Para essas iniciativas, ocasionalmente, o clube também solicitava à empresa um auxílio extraordinário. Com a expansão dos times de várzea, o esporte se distanciava gradualmente do amadorismo e a incorporação de remuneração dos jogadores dos clubes tradicionais e a criação de ligas de futebol foram etapas cruciais para a difusão do futebol profissional no Brasil.

A administração da fábrica começou a apoiar financeiramente as operações do clube; por exemplo, concedendo um terreno de propriedade da empresa para a edificação do campo de futebol e da sede social ou, alternativamente, contribuindo para o custeio de aluguéis. Mensalmente, ela poderia disponibilizar ao clube uma quantia em dinheiro para complementar seu orçamento, o qual englobava despesas com manutenção e higienização da sede social e do campo, pagamento de tributos, consumo de energia elétrica, lavagem dos uniformes, transporte dos jogadores, entre outras. No que se refere ao equipamento esportivo, a fábrica poderia fornecer desde as camisetas até as bolas e as chuteiras.



Imagen 02 - Clube Atlético Juventus clube do bairro da Mooca formado por empregados da fábrica de tecidos da família Crespi. Foto UD Las Palmas/ Marcos Caiafa

Devido a profissionalização do futebol, passo seguinte para seu desenvolvimento, ocorrido após a incorporação das massas, o amor e a paixão de atletas aos poucos, com a criação de ligas profissionais como a criação da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA, originalmente Associação Paulista de Sports Athleticos) e com a capitalização do futebol com megaeventos após a década de 90,

foi dando espaço ao lucro rápido que o mercado deseja, o amor à camisa foi trocado pela veneração ao dinheiro se utilizando do “profissionalismo” como forma de disfarce. Com todas as mudanças que ocorrem durante a profissionalização do esporte bretão, os torcedores resistem e continuam amando incondicionalmente seu time, independente das vitórias ou das derrotas. Atualmente o futebol representa uma possibilidade de ascensão social,

Ao analisarmos a relação entre as classes sociais e as expectativas dos praticantes de futebol, percebemos que boa parte de adolescentes oriundos de classes sociais mais elevadas provavelmente praticam-no com objetivos e interesses de lazer e distração, buscando saúde, sociabilidade ou qualidade de vida. Entretanto, se observarmos as expectativas de adolescentes originários das classes sociais mais desfavorecidas descobriremos que muitos de maior talento podem vir a enxergar neste esporte um caminho rápido, possível e viável de ascensão social. Alguns até mesmo se submetem aos testes (a “peneira”) em categorias de base de equipes profissionais, situação raramente encontrada com jovens de classes sociais mais elevadas. Para estes a ocupação primeira como atletas dificilmente estará na pauta das possibilidades a serem perseguidas profissionalmente (ASSUMPÇÃO, 2011, p.95/6).

O futebol contemporâneo, compreendido como o período entre a década de 1980 e os dias atuais, vem sofrendo por um processo de expressivas transformações em seus conceitos, desde aspectos relacionados à preparação física dos atletas com o avanço de pesquisas dentro da área da saúde, evolução técnica e tática, até ao valor simbólico pago para apreciar o espetáculo. Aliados à crescente demanda de um mercado mais preparado com atletas profissionais e uma infraestrutura que comporte o espetáculo, faz-se necessário uma análise dos elementos que permeiam o desenvolvimento do futebol contemporâneo, a caso específico o fenômeno capitalista denominada globalização, que pode ser entendida como:

[...]o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa. Isso poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outras formas de ação. Pretendemos, aqui, enfrentar essa discussão, analisando rapidamente alguns dos seus aspectos constitucionais mais relevantes (SANTOS, 2001, p. 26).

A globalização, caracterizada pela integração econômica, cultural e tecnológica, teve um impacto significativo no futebol de várias maneiras. A emergência de um

mercado global para uma maior capitalização do esporte permite que clubes de futebol acessem o mundo inteiro em poucos segundos. Houve uma alta dentro do mercado de jogadores brasileiros para clubes estrangeiros e, como consequência, os fãs de futebol passaram a construir uma cultura de acompanhar campeonatos estrangeiros. O avanço da tecnologia, especialmente na comunicação e transmissão, transformou o futebol em um espetáculo global. Jogos são transmitidos ao vivo para audiências em todos os continentes, aumentando a popularidade do esporte. Plataformas de mídia social e streaming permitem que os torcedores tenham acesso aos jogadores e equipes, independentemente de sua localização geográfica.

A mais-valia globalizada, ou o valor extraído do mercado global, se manifesta no futebol através de contratos de televisão, patrocínios e acordos de marketing que geram receitas astronômicas para clubes e jogadores. Este influxo de capital transformou o futebol em um negócio altamente lucrativo, mas também criou desigualdades significativas entre clubes ricos e pobres. A globalização também trouxe uma convergência na metodologia de treinamento e táticas de jogo. Treinadores, cientistas esportivos e especialistas compartilham conhecimentos globalmente, elevando o nível técnico do futebol. Academias de formação de jogadores, como as europeias, agora são modelos para o desenvolvimento de talentos ao redor do mundo. Entretanto, ao criar um mercado global, a globalização aumentou a desigualdade econômica e competitiva no futebol. Clubes com maiores recursos financeiros têm o privilégio financeiro para contratar os melhores jogadores e técnicos, ampliando a lacuna entre os clubes de elite e os de menor poder econômico.

Em virtude de sua mercantilização, o futebol acaba por se transformar em um espetáculo, com interesses que vão além das quatro linhas. O cenário futebolístico atualmente é narrado como se fosse uma novela onde os torcedores e atletas cedem espaço aos patrocinadores como uma forma de implementar comerciais durante o jogo. O futebol após a sua profissionalização, não parou mais de evoluir, algumas regras foram alteradas e a evolução dos esquemas de jogo foram mudando tecnicamente e taticamente para que pudessem abranger as novas formações junto aos novos padrões dos estádios e arenas.

A principal característica desta nova fase é a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado, nas camisas dos times e o televisionamento ao vivo de partidas de futebol que teve início em 1980. A mudança no estilo brasileiro de jogar torna-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotam novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo (RODRIGUES, 2003, p.27).

O esporte que emergiu a partir de suas origens populares, possuía uma série de efeitos na paisagem. Tanto em algumas áreas centrais da cidade, como em alguns subúrbios, é justo considerar o esporte como um fator dominante na influência sobre a forma e o caráter da paisagem, o futebol de várzea é um grande exemplo de como o esporte bretão traz mudanças físicas com a implementação de traves, redes, pinturas no gramado para que possa ocorrer o jogo. Os municípios demandam áreas destinadas ao lazer como centro esportivos e estádios municipais, conforme observado por Aranha-Silva (2003), para uma melhor qualidade de vida de seus habitantes. Nas práticas esportivas, encontramos uma forma de interação socioespacial, sendo crucial o planejamento de sua disposição e configuração para promover a harmonia, considerando tanto os benefícios quanto os impactos negativos.

O estudo da malha urbana e seus determinantes torna-se essencial para a construção dessas instalações. A organização espacial desses locais exerce uma influência significativa na dinâmica interna das cidades, especialmente quando situados em áreas centrais e com grande demanda por eventos. Tais espaços, além de frequentemente apresentarem uma paisagem de longa permanência, devido ao considerável investimento necessário para sua construção, e uma visibilidade marcante devido às suas dimensões físicas, também podem assumir uma função central tanto física quanto simbólica dentro do tecido urbano.

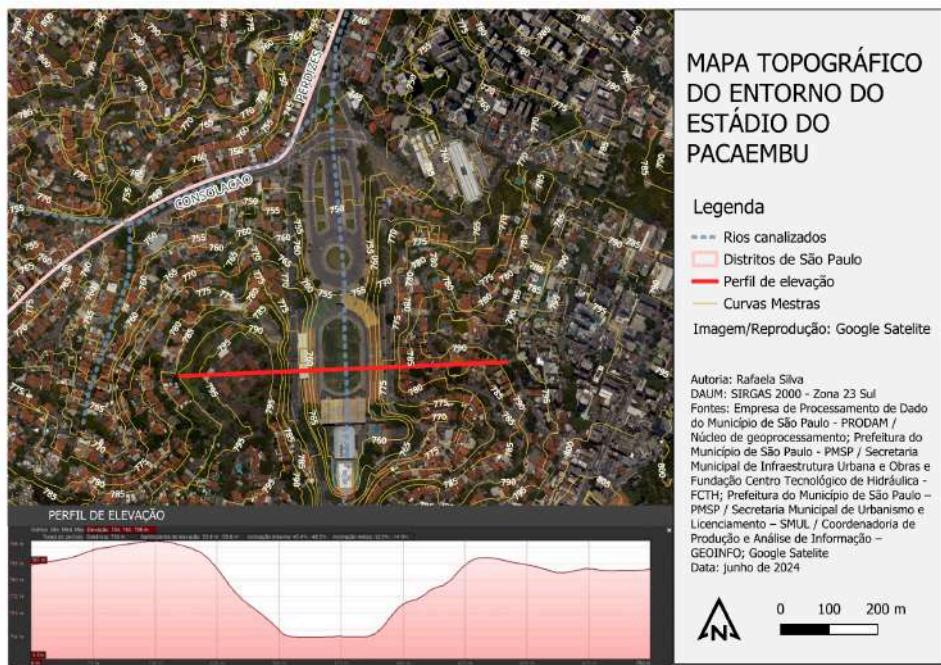
Compreender a malha urbana e os determinantes para a construção de instalações em áreas centrais é fundamental para apreciar como os bairros se desenvolvem e adquirem importância ao longo do tempo. O impacto da organização espacial pode ser observado claramente em bairros históricos que passaram por significativas transformações urbanas. Um exemplo notável disso é o bairro do Pacaembu, cuja evolução urbana reflete as mudanças e o desenvolvimento característicos das grandes cidades.

CAPÍTULO II

PACAEMBU: ETERNAMENTE DENTRO DOS NOSSOS CORAÇÕES

O bairro Pacaembu localiza-se num vale, entre os bairros Perdizes, Higienópolis e Consolação. Assim como em diversos bairros paulistanos, a área onde está localizado o Pacaembu tem sua origem de uma grande área rural que fora loteada em pequenas chácaras. Em 1912, a empresa inglesa City of São Paulo Improvements and Freehold Company Limited (Cia City), obteve muitos desses terrenos que hoje compõem o atual bairro.

Mapa 0 - Mapa Topográfico do entorno do Estádio do Pacaembu



A City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited foi fundada em Londres, tendo como objetivo realizar operações imobiliárias no Brasil. Em 1911, o arquiteto e urbanista Joseph Antoine Bouvard foi convidado pelo vereador Cincinato Braga para elaborar um parecer sobre o desenvolvimento urbano em São Paulo. Com um intenso crescimento populacional, a cidade de São Paulo passava por problemas de mobilidade dentro da área central e, com isso, houve a necessidade da construção de uma conexão entre o centro da cidade com as áreas industriais e os bairros operários localizados na região leste junto com os novos bairros elitizados. A capital paulista estava com um objetivo de se modernizar, perdendo as feições coloniais e construir uma cidade cosmopolita e com infraestruturas modernas como

iluminação, bondes, abastecimento de água, entre outros. São Paulo estava em busca de fazer jus ao título de maior centro mundial de produção de café.

Joseph Antoine Bouvard lidera a concepção do inovador Plano Bouvard, um projeto urbanístico que abraça os preceitos das cidades-jardim, fruto da colaboração com a renomada Cia City e o arquiteto Barry Parker, um seguidor dos princípios estabelecidos por Ebenezer Howard. O modelo de um bairro construído pelos moldes do conceito de uma cidade-jardim visa transcender a urbanização industrial, propõe uma comunidade integrada e auto sustentável, onde a propriedade comunitária e a busca pela autossuficiência econômica são priorizadas. As adaptações urbanísticas associadas ao modelo cidade-jardim têm longa tradição na história dos núcleos residenciais criados por fábricas e empresas de mineração britânicas onde se utilizava várias de suas características, como população limitada, espaços verdes, casas com jardins extensos e traçado urbano solidário com as linhas do relevo. O relatório de Barry Parker sobre o território paulistano fez observações sobre as áreas de fundos de vales com declividades acentuadas que não foram ocupadas devido à preferência de ocupação em áreas mais planas e com uma utilização imediata da área, além de identificar que a ventilação da área do Pacaembu devido as brisas provenientes da região sudestes são bloqueadas pelas colinas que rodeiam a área (COSTA, 2014) e sugerir um número menor de ruas proporcionando uma menor agressão ao relevo natural e oferecendo uma harmonia entre o ser humano e a natureza com uma política para manutenção do equilíbrio social (OTTONI, 2002). O loteamento do bairro do Pacaembu foi estabelecido numa área com condições topográficas complexas, em um vale composto por encostas íngremes. Foram compradas pela Cia City 12.280.098 m² de terrenos na capital paulista, uma quantia extraordinária, totalizando uma área equivalente a 37% da então área urbanizada da cidade (SOUZA, 1988, p. 65). A empresa traçou um projeto de criar um bairro jardim, desenhado seguindo as especificações de uma “cidade-jardim”.



Imagen 03 - Propaganda de compra de lotes no bairro Pacaembu

Fonte: Site "Cia City". Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.ciacity.com.br/>)

Ao decorrer das décadas, estes empreendimentos imobiliários afastam-se do modelo de comunidade e da organização gerencial proposto por Howard, tendo diversos loteamentos de cunho empresarial destinados a moradores burgueses e de classe média. Nos espaços criados por iniciativas de fábricas, o modelo de cidade-jardim visa um território apropriado subordinado a demandas de economia e controle da empresa proprietária e empregadora sobre os moradores operários, enquanto os empreendimentos imobiliários comerciais para setores médios visam adaptar o modelo à busca de lucro e às noções de status e sofisticação às quais sua clientela é sensível. No bairro do Pacaembu, esses ideais são distorcidos pela elitização, onde a privilegiada conexão com o centro de São Paulo contrasta com a precária mobilidade pública, expondo uma clara dicotomia entre a proposta original e sua aplicação prática. Essa disparidade evidencia não apenas desafios na implementação do modelo, mas também questões sociais subjacentes que demandam uma reflexão mais ampla sobre os rumos do desenvolvimento urbano.

Após diversas negociações entre o governo do estado de São Paulo e Cia City, a área do vale às margens do ribeirão foi doada e repassada à Prefeitura Municipal de São Paulo com o propósito de ser construído um complexo para a prática esportiva de várias modalidades esportivas e um estádio. Construído pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, o Estádio do Pacaembu é concebido como um monumento da capital paulista em consonância dos ideais da revolução de 1932. Gilmar Mascarenhas (2014, p.123) aborda que o Estádio do Pacaembu nasce “com o discurso bandeirante ufanista de locomotiva do Brasil”. A partir de sua obra inicia-se

uma nova fase na edificação dos estádios do futebol brasileiro, a construção de imensos monumentos futebolísticos com capacidade para mais de 100 mil pessoas.

O estádio foi projetado e construído pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo & Villares seguindo a idealização dos conceitos propostos pelo Departamento de Cultura, chefiado por Mário de Andrade e por Paulo Duarte, durante a gestão do prefeito Fábio Prado. O primeiro projeto do complexo esportivo integrava um amplo programa social e de educação a ser desenvolvido, que continha ginásio poliesportivo, pista de atletismo, piscina olímpica, quadras de tênis, vestiários, concha acústica, áreas administrativas e alojamentos (COSTA, 2014).



Imagen 04 - Estádio Municipal do Pacaembu em construção, 1939. Aerofotos Oblíquas - 1939/40
[Acervo Instituto Geográfico e Cartográfico]

Assim, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Estádio do Pacaembu ou simplesmente Pacaembu, foi inaugurado no ano de 1940 e se tornou um dos cartões postais da cidade de São Paulo. Enfatiza-se as características particulares de sua inserção urbana, como a acomodação das dimensões do estádio ao fundo de um vale, em um comunicado divulgado em 1919 publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo, a Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA) divulgou um estudo apontando o vale do Pacaembu como o local mais adaptado para a construção de um estádio devido à elevação natural do terreno que sustentaria as arquibancadas. De acordo com a notícia

Uma planície não se poderia prestar para uma construção desse gênero porque exigiria o arranjoamento de vários níveis artificiais, níveis muito mais facilmente e mais belamente obtidos pelo entalhamento de degraus nas encostas de montanhas do que pela superposição de vários planos feitos pela mão do homem (O Estado de S. Paulo. São Paulo. 22 de fevereiro de 1919, p.6).

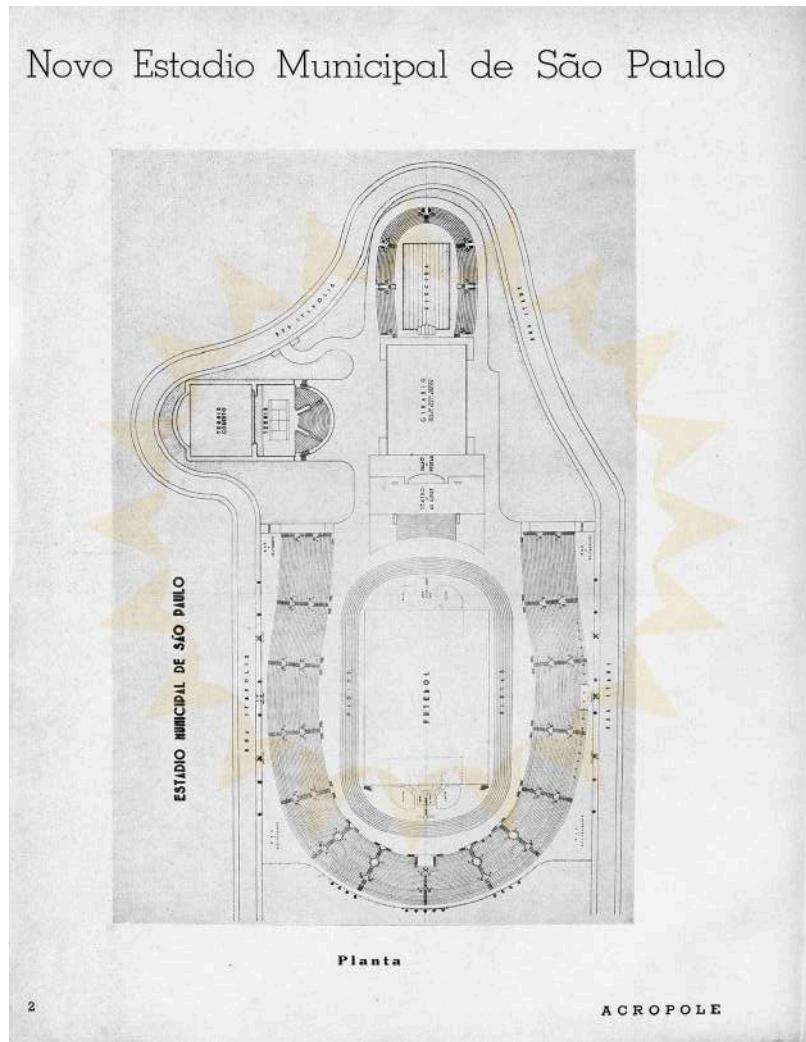


Imagen 05 - Planta do Estádio do Pacaembu. Fonte: Acrópole, São Paulo: Max Gruenwald & Cia, nº 15, p.2, jul. 1939.

Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/15/6>. Acesso em: 18/04/2024

“Num momento de extrema valorização das atividades físicas e das manifestações cívicas envolvendo multidões” (Negreiros, 1998, p. 133), a popularização do futebol ultrapassa da prática à condição de um espetáculo de massas, o que suscita investimentos do estado no esporte como um símbolo para união da nação, a construção do “estádio-monumento” foi a perfeita fusão dos anos 1930 e 1940 para atingir esses objetivos, assim fora pensado o Estádio do Pacaembu pelo poder público, como o chute inicial para uma mudança espacial do esporte. Como exemplificado pelo especialista na área da geografia dos esportes, John Bale (2003), a construção de um estádio representa para muitas cidades modernas uma

mudança de escala, ilustrando o caso da edificação do estádio de Baseball dos Dodgers em Los Angeles, que marca a transição da cidade de um centro regional para metrópole nacional a partir da publicidade.

A cerimônia inaugural do Estádio Municipal foi inserida em um cenário de celebrações políticas e cívicas que envolveram a esfera municipal, as instâncias estaduais e federais do poder público, tendo como convidados o então presidente Getúlio Vargas e o governador de São Paulo, Adhemar de Barros. Durante as festividades de abertura, um desfile aconteceu, com atletas devidamente uniformizados representando suas delegações, cada um acompanhado de sua bandeira. Seus movimentos eram coordenados, postura impecável e sincronia, buscando expressar com dignidade a significância que será gravada na história esportiva e cívica do Brasil. Esse evento também serviu como um retrato de uma sociedade harmoniosa, sem conflitos de classe, unida em torno de um grande projeto de identidade nacional, conforme almejado pelo Estado Novo. Além de celebrações políticas e cívicas como desfiles em comemoração ao Dia da Independência do Brasil, o Pacaembu sediou seis partidas durante a Copa do Mundo de 1950, sendo o segundo estádio mais utilizado durante o torneio atrás apenas do Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro - construído justamente para o Mundial - e serviu como espaço de abertura e encerramento dos Jogos Pan-americanos de 1963.

Durante o período da ditadura militar no Brasil, o futebol foi frequentemente empregado como um meio de promover a ideia de que a disciplina e a coesão nacional poderiam levar a grandes realizações. Sob o regime autoritário, o esporte tornou-se um símbolo de orgulho nacional e união, utilizado em discursos e eventos para reforçar a ideia de uma nação forte e coesa. Essa associação entre futebol e valores patrióticos fortaleceu ainda mais a posição do esporte como parte integral da identidade brasileira, consolidando-o como mais do que apenas um jogo, mas como uma expressão cultural profundamente enraizada na sociedade. Milhares de pessoas estavam profundamente envolvidas com o esporte, e para muitos, acompanhar os jogos tornou-se um ritual diário. Nos estádios, nas ruas e nos lares, a paixão pelo futebol era evidente, moldando a cultura brasileira e deixando uma marca indelével na sociedade. Esse fenômeno só cresceu ao longo dos anos, tornando o futebol não apenas um esporte, mas uma parte intrínseca da vida cotidiana no Brasil. No âmbito estadual e municipal, o Pacaembu se relaciona a eventos importantes na história das principais equipes paulistas, sendo conhecido como “a casa de todos os clubes” (FAVORETTO, 2013). De acordo com Celso Unzelte (BERCI; MAUES, 2012), é

possível narrar em períodos os momentos de maior identificação entre o Estádio do Pacaembu e a memória do São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras, Santos Futebol Clube e Sport Clube Corinthians Paulista.

A condução de uma parcela dos ingressos vendidos a um valor acessível para entrar no estádio municipal foi uma forma de oferecer um serviço de entretenimento em um equipamento esportivo público e de interesse da administração municipal. Com a difusão do futebol, os clubes paulistanos solicitaram um aumento no valor de repasse para que eles fossem equivalentes aos cobrados em outras praças esportivas. O início da espetacularização dos jogos de futebol e a profissionalização dos clubes esportivos profissionais tem como consequência um cenário no qual o futebol resulta em receitas cada vez maiores. Para suprimir essa demanda de gerar capital para manter o ciclo de investimentos na equipe e na infraestrutura, além de responder às pressões por mais lucros, implica que os times tenham como principal objetivo maximizar a receita proveniente da venda de ingressos, que representa sua principal fonte de renda naquela conjuntura.

Durante o Campeonato Paulista de 1959, o preço dos ingressos dos jogos sediados no Estádio do Pacaembu fora determinado em 30 cruzeiros, enquanto em diferentes estádios da cidade o ingresso tinha o custo de 50 cruzeiros. Devido ao pouco repasse, “outros clubes já estão chegando à conclusão de que atualmente não é interessante ‘mandar’ jogos no Pacaembu, não só em razão das taxas cobradas pela Municipalidade, como também pelo fato de o prefeito não ter permitido o aumento dos preços de ingressos naquela praça de esportes”. Times como São Paulo e Corinthians manifestaram o interesse em não realizar suas partidas no Pacaembu, respectivamente, o clube tricolor buscou a liberação por parte da Federação Paulista de Futebol para a utilização do seu novo estádio e o alvinegro de Itaquera anunciou que apenas os jogos chamados de clássicos - jogos contra os times grandes da cidade de São Paulo como Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo Futebol Clube e Santos Futebol Clube - e as demais partidas seriam realizadas em seu estádio, o Estádio Alfredo Schürig - também conhecido como Parque São Jorge e Fazendinha - devido a renda proporcionada pelas partidas menores ser considerada insuficiente.

Após uma década como o maior estádio esportivo da América Latina e um símbolo de modernidade, o Pacaembu viu sua proeminência ser eclipsada nos anos 1950 pelo Estádio do Maracanã. Em 1952, com o início da construção do Estádio do Morumbi, surgiu a percepção de que a cidade de São Paulo necessitava de uma nova arena que atendesse às demandas da metrópole e a recolocasse no centro da

vanguarda. Os principais embates entre as equipes paulistas também migraram para o Morumbi, devido à sua capacidade de público significativamente maior.

De acordo com Gilmar Mascarenhas, em intervalos cada vez mais regulares vemos fluxos maciços de torcedores alterarem as paisagens de nossas cidades. O espaço futebolístico que durante a década anterior havia permitido aos clubes da capital paulistana um aumento considerável de sua renda a partir do crescente número de espectadores começa a ser encarado como um obstáculo financeiro. Nota-se que, de maneira semelhante ao que ocorreu na década de 1940 durante o regime do Estado Novo, as esferas esportiva e política na cidade de São Paulo mantinham uma interconexão profunda em suas dinâmicas de poder. Contudo, desta vez, ao invés de visar a regulamentação da sociedade civil sob a defesa do Estado centralizador, a dinâmica dessa relação estava voltada para favorecer o capital privado.

Em 1969, durante o regime da ditadura militar no Brasil, uma significativa intervenção foi realizada no Estádio Municipal do Pacaembu. Como apontado por Gabriel Bocchi (2016), esse período também foi marcado por um fenômeno de "agigantamento" dos campos de futebol no Brasil, com a demolição de estruturas emblemáticas, como a concha acústica do Pacaembu, em prol da expansão das capacidades dos estádios, sob a gestão de Paulo Maluf, membro proeminente da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e prefeito nomeado pela indicação do presidente Artur da Costa e Silva. A concha acústica foi palco de inúmeras apresentações musicais e culturais a partir de 1940, quando o estádio foi inaugurado e, também, servia como anfiteatro e provocava um efeito acústico com o canto das torcidas durante as partidas para, assim, dar lugar a um novo setor de arquibancadas, conhecido como "Tobogã". A inserção do "Tobogã" não só permitiu a acomodação de mais espectadores, expandindo a capacidade de público em 18 mil pessoas, mas também proporcionou uma nova fonte de receita por meio da venda de ingressos adicionais. Além disso, essa transformação estrutural foi encarada como uma estratégia para consolidar a simbologia futebolística como um elemento unificador da nação, uma vez que o futebol é uma paixão compartilhada por todos os brasileiros, independentemente de sua origem ou classe social.



Imagen 06 - Uma bandeira gigante faz alusão a República Popular do Corinthians no tobogã. Foto: Ken Fujioka

Na perspectiva de Gabriel Bocchi (2016), esse período também foi marcado por um fenômeno de "agigantamento" dos campos de futebol no Brasil, com a demolição de estruturas emblemáticas, como a concha acústica do Pacaembu, em prol da expansão das capacidades dos estádios.

Nos anos seguintes, nas décadas de 80 e 90, mudanças nas regulamentações de segurança resultaram em reduções na capacidade de público dos estádios, enquanto a partir dos anos 2000, muitos estádios foram convertidos em arenas esportivas multiuso, especialmente em preparação para eventos de grande porte, como a Copa das Confederações (2013) e a Copa do Mundo (2014), para os quais o Brasil se candidatou em 2003, conforme proposto pela Confederação Brasileira de Futebol. Essas transformações refletem não apenas uma busca por lucratividade, mas também uma tentativa de solidificar o futebol como um símbolo nacional e um catalisador de unidade entre os brasileiros. A própria evolução tipológica dos estádios representa diferentes momentos vividos no seio da sociedade em que se sustentam. A variação arquitetônica destes edifícios possui significados de rupturas, de momentos específicos de suas governanças ou de características de seu povo (CERETO, 2003).



Imagen 07 - Concha acústica do Estádio do Pacaembu

Fonte: Site Terceiro Tempo. Acessado em 05 de maio de 2024 <https://terceirotempo.uol.com.br/>



Imagen 08 - O tobogã é um espaço da arquibancada que fica localizado atrás de um dos gols do estádio.

Fonte da imagem: O Corinthians volta ao Pacaembu Rodrigo Coca/Ag. Corinthians

O estádio do Pacaembu, embora mantenha sua relevância histórica, o Pacaembu é considerado um patrimônio cultural do estado de São Paulo, tombado pelo “Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

do Estado de São Paulo" (CONDEPHAAT), como um local que testemunhou momentos cruciais para os principais clubes esportivos de São Paulo, também é frequentemente percebido como abandonado. Esse sentimento é alimentado pela ampliação, aquisição ou revitalização de outros equipamentos esportivos na cidade, como a Arena Corinthians em Itaquera e a reconstrução do antigo Palestra Itália, transformado na arena multiuso Allianz Parque. No caso da arena Allianz Parque, entre 2010 e 2014, o antigo estádio Palestra Itália foi remodelado e transformado em uma arena multiuso, concebida não apenas para eventos esportivos, mas também para entretenimento e eventos corporativos. Durante as obras, o Pacaembu foi utilizado como local temporário para os jogos do Palmeiras. No entanto, a reinauguração da arena Allianz Parque resultou na redução do número de partidas da equipe no estádio municipal.

Em 2009, surgiu um projeto para arrendamento do Estádio do Pacaembu à iniciativa privada, com o Corinthians como principal interessado. O projeto, conhecido como "Novo Pacaembu" (THADEU; KRIEGER, 2009), previa uma série de mudanças estruturais, incluindo a cobertura do estádio, o fim do "Tobogã", o rebaixamento do campo e a criação de estacionamento subterrâneo, camarotes e lojas. No entanto, o projeto foi vetado pelo prefeito em exercício na época, Gilberto Kassab (Bocchi, 2016).

A justificativa para a necessidade de modernização do Pacaembu está centrada na ideia de subutilização do estádio e na sua incapacidade de servir à população de forma adequada. Propostas de modernização frequentemente incluem a concessão do estádio à iniciativa privada, alimentando debates sobre a preservação de sua função como espaço municipal e público versus sua transformação em um empreendimento comercial. As discussões em torno do Pacaembu refletem uma visão conflitante sobre o patrimônio cultural, que oscila entre sua preservação como elemento de identidade e sua transformação em uma mercadoria lucrativa (PINHEIRO, 2016, p. 69). A tentativa de modernizar o estádio para torná-lo mais atrativo para eventos esportivos e culturais segue em direção à elitização, perda do caráter público e massivo do futebol e a instrumentalização da cultura pelo mercado. A discussão transcende questões arquitetônicas e urbanísticas, englobando debates sobre o papel do Estado na preservação do patrimônio.

De acordo com Henri Lefebvre, a produção do espaço propõe uma abordagem triádica que engloba a prática espacial (percebido), as representações do espaço (concebido) e os espaços de representação (vivido). Essa tríade, conforme Lefebvre, não é estática, mas dinâmica, com as três categorias interagindo simultaneamente e

podendo ser configuradas de várias maneiras dentro de uma sociedade. O espaço percebido, vivido e concebido estão interligados dentro do tecido social, conforme argumentado pelo autor. Schmid (2012) complementa essa visão, destacando que essa tríade é tanto individual quanto social, sendo constitutiva não apenas da autoprodução do homem, mas também da autoprodução da sociedade como um todo. Lefebvre (2008) ressalta que a prática espacial de uma sociedade molda seu espaço, através de uma interação dialética que envolve sua produção e apropriação. O espaço percebido é aquele da percepção comum à escala do indivíduo e de seu grupo social, permeado pela atribuição de significados às relações humanas e ao ambiente físico. Já o espaço concebido é uma construção do pensamento, tanto palpável quanto simbólico, que se entrelaça com o espaço percebido. Por sua vez, o espaço vivido é o resultado das ações dos indivíduos em seu ambiente, onde ocorrem os conflitos e as transformações sociais. O estádio, embora inicialmente concebido como um espaço de lazer e competição esportiva, é vivido de maneira diferente por diversos grupos sociais. Para a classe burguesa local, o estádio pode representar um ponto de acesso para a periferia, desencadeando manifestações sob o pretexto de proteger o patrimônio, mas na verdade, visando obstruir o direito ao lazer. O caso do Estádio do Pacaembu evidencia a complexidade das relações entre as categorias de espaço propostas por Lefebvre, demonstrando como a interação entre o espaço percebido, concebido e vivido pode moldar as experiências sociais e as representações do ambiente urbano.



Imagen 09 - Torcida do Corinthians na Praça Charles Miller antes de um jogo.

Fonte: Edson Lopes Jr./Terra

Existe uma forte relação entre o Pacaembu e o Corinthians, que ali jogou a maior parte de suas partidas entre os anos 1970 e 2014. O Sport Clube Corinthians Paulista atuou em 1.690 (mil seiscentos e noventa) jogos dentro do espaço esportivo. A história *corinthiana* está entrelaçada com a história do estádio analisado, jogos marcantes como a goleada de 7 a 1 contra o rival, Santos Futebol Clube, que ajudou o time alvinegro na conquista do Campeonato Brasileirão de 2005; em 2011 o Corinthians se consagraria campeão brasileiro no Pacaembu diante ao seu rival, Sociedade Esportiva Palmeiras, pela última rodada e garantiu o título com um empate sem gols, essa partida também ficou lembrada pelas homenagens póstumas a Sócrates, o ídolo corintiano morreu pela manhã do dia 4 de dezembro, horas antes do jogo; a conquista da Taça Libertadores contra o Boca Juniors com um placar de 2 a 0. Desde a sua inauguração, o Estádio do Pacaembu foi utilizado pelo Corinthians para disputar jogos na cidade paulistana, o que foi intensificado a partir da década de 1980. Antes sediados no Estádio do Morumbi, a partir de 2008 os clássicos estaduais e as finais de campeonatos com mando do Corinthians ocorreram no Pacaembu. Esses dados são significativos para compreender a familiaridade dos torcedores *corinthianos* com relação ao Pacaembu e como o ritual dos torcedores fora centralizado ao redor

da área geográfica do bairro Pacaembu e do uso do estádio como equipamento esportivo para lazer.

A forte relação entre o Pacaembu e o Corinthians é indiscutível, marcada por inúmeras memórias e momentos históricos do futebol brasileiro. No entanto, mesmo com essa profunda conexão e a importância do estádio no cenário esportivo, a crescente mercantilização do esporte levou à concessão do Pacaembu à iniciativa privada, resultando em transformações físicas intensas, como a demolição do tobogã e a retirada das cadeiras, comercializadas pela Tok Stok. O projeto visa transformar o Pacaembu em um grande negócio, com lojas, restaurantes e hotel, evidenciando a mudança de paradigma no futebol contemporâneo e seus impactos sobre os espaços tradicionais do esporte.

CAPÍTULO III

CORINTHIANS: A BUSCA PELA CASA CORINTHIANA ARENA CORINTHIANS

A história *corinthiana* é marcada pelas dificuldades de um clube de bairro que surgiu no centro da cidade de São Paulo, pela sua grande atuação nos campos de várzea e pelo seu sucesso de ser integrado ao futebol profissional, sendo a primeira equipe de futebol de várzea a conseguir esse feito em 1913 - o que serviu de inspiração para diversas outras equipes varzeanas. Dos muitos problemas enfrentados pelo time alvinegro, um sempre foi alvo de críticas: a dificuldade em conseguir uma sede para a prática do esporte. Com a introdução do esporte bretão na capital paulista, todos os times se viram com o mesmo problema e muitas das equipes e clubes tradicionais do futebol paulistano desapareceram durante os anos 30 devido à falta de estabelecimento de suas sedes.

A primeira sede de práticas esportivas do Corinthians situou-se pelas ruas do bairro Bom Retiro, no Campo de Lenheiro. Naquela época, o bairro se localizava em uma área pouco visada pelos setores burgueses da sociedade paulistana, uma vez que era uma região marcada por indústrias e moradia dos imigrantes operários. Entre 1910 e 1914, o Corinthians continuou no bairro do Bom Retiro, mudando constantemente o endereço da sua sede principal.

Mapa 04 - Campo do Lenheiro

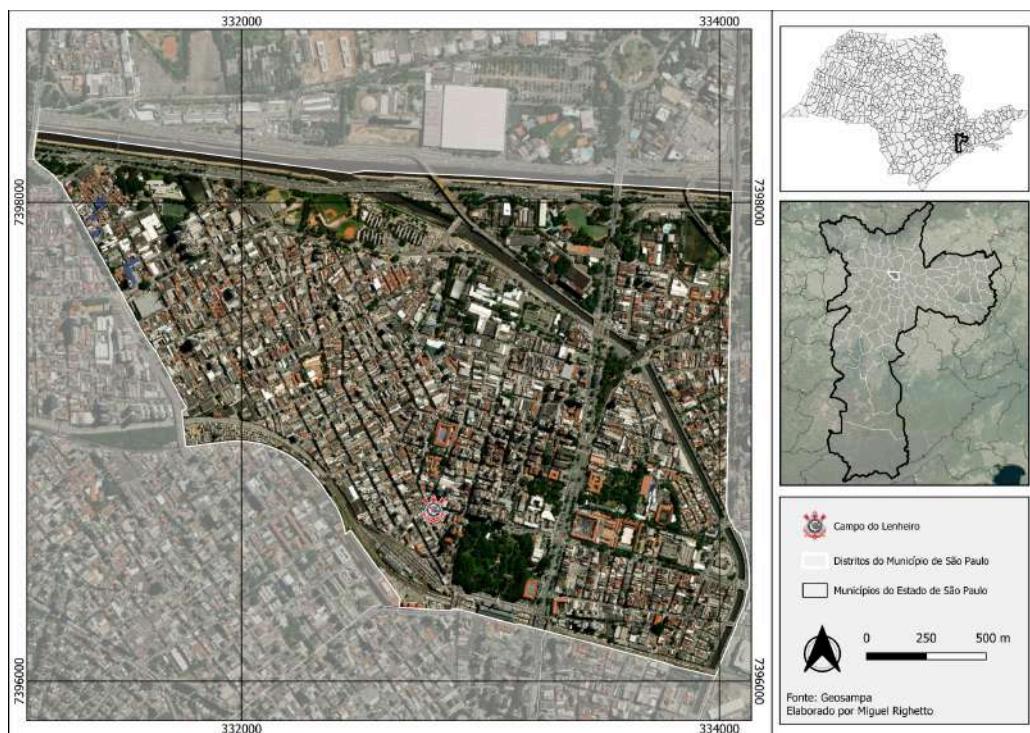




Imagen 10 - Campo do Lenheiro no bairro do Bom Retiro.

Fonte: Site “Meu Timão”. Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.meutimao.com.br/>)

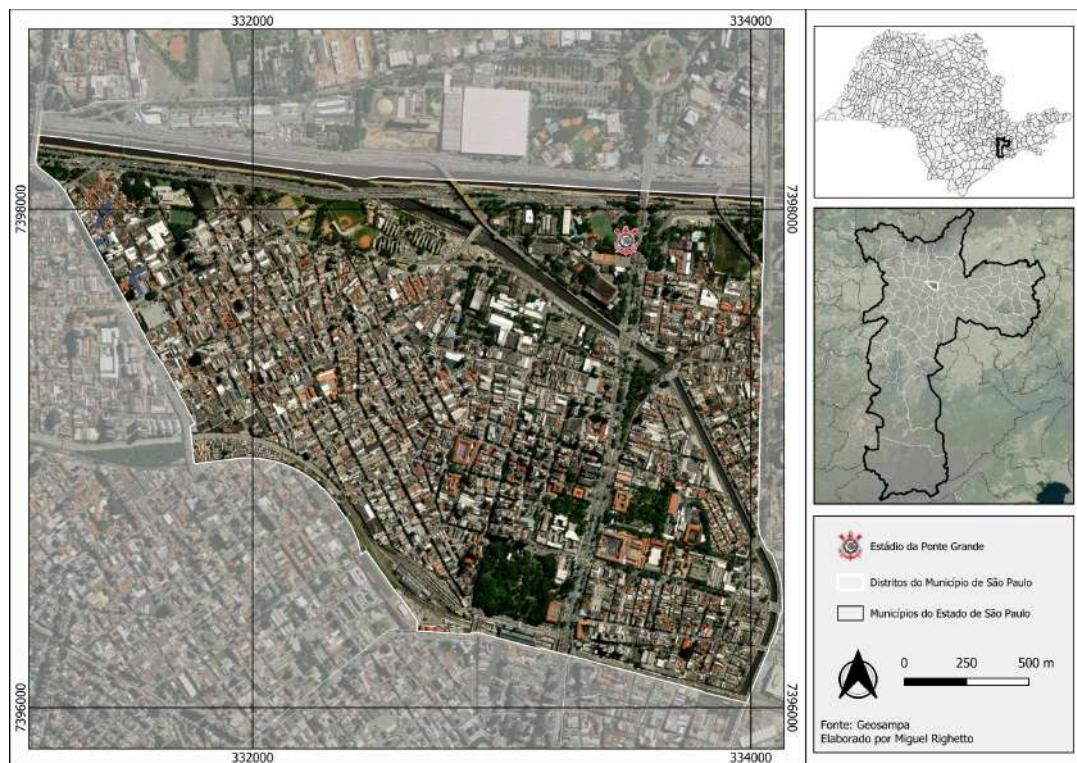
Contudo, em 1915, houve um deslocamento de sua sede social para a Rua dos Protestantes, do outro lado da Estação da Luz, na gestão do presidente Ricardo de Oliveira. Essa transferência causou grande atrito entre os sócios e uma crise financeira para o clube. A mudança do local fazia parte da estratégia da diretoria de aproximar o clube do centro de São Paulo e diminuir a identidade *corinthiana* como a de um clube do bairro do Bom Retiro objetivando ingressar na Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA). Contudo, sua integração na APEA foi condicionada a termos restritivos. O Corinthians foi admitido como membro extraordinário, privado das prerrogativas plenas da entidade, tais como participação no conselho deliberativo e inclusão no campeonato em curso naquela temporada. Adicionalmente, a APEA instituiu dispositivos estatutários que proibiam clubes filiados de competir com aqueles não afiliados, bem como restringiam a mobilidade de atletas entre clubes de diferentes afiliações. Esta medida impediu o Corinthians de participar do Campeonato Paulista da APEA, restringindo-o a ceder seus jogadores apenas para os clubes filiados à associação.

Ao longo da temporada, apesar de promessas por parte da APEA de agendar amistosos com todos os clubes afiliados, apenas duas partidas em 1915 foram efetivamente realizadas. Os demais agendamentos foram sistematicamente adiados e, eventualmente, cancelados. Este desinteresse por parte da APEA gerou sérias dificuldades financeiras para o Corinthians, privando-o das receitas provenientes das partidas e obrigando-o a emprestar seus principais jogadores. Como resposta às dificuldades enfrentadas, o restante da equipe corintiana passou a disputar amistosos em regiões do interior. Essa medida paliativa, embora tenha amenizado a situação

financeira do clube, não foi suficiente para contornar completamente os desafios financeiros enfrentados pelo Corinthians durante aquela temporada e não foi possível levantar fundos para manter o espaço e o plano de desvincular o Corinthians do bairro falhou.

Em meados de 1920, o time alvinegro estreou sua primeira casa, o estádio Ponte Grande. O termo “casa” é constantemente usado no repertório futebolístico para se referir ao local utilizado por um clube para a disputa de seus jogos. Bernardo Buarque de TOLEDO (2012) traça que “o termo revela o universo de metáforas familiares na linguagem do futebol e designa a maneira pela qual os torcedores concebem o seu próprio estádio, dando origem às expressões: “jogar em casa” e “jogar fora de casa”” (2012, p. 104). A inauguração do Estádio da Ponte Grande, localizado próximo da Marginal do Rio Tietê, foi considerada um dos maiores eventos esportivos da década na capital paulistana. O estádio foi construído com o esforço de associados, dirigentes e jogadores do clube. É importante observar que a nova sede foi concebida como mais um equipamento esportivo para o lazer público da cidade. Durante as primeiras décadas do século XXI, a várzea do rio Tietê era uma área destinada pela Prefeitura para as práticas esportivas citadinas. Além disso, manter uma sede à beira do rio possibilitaria o crescimento de diversas atividades desportivas além do futebol, como o remo e a natação. Desta forma, com o estabelecimento de sua casa e o desenvolvimento de suas modalidades esportivas, o Corinthians construiu sua sede social no final dos anos 1920 e, dada a obtenção de uma trajetória de vitórias com suas equipes nos esportes aquáticos, o distintivo do Corinthians foi alterado e começou a possuir remos, âncora e cordas, em alusão aos barcos utilizados no remo.

Mapa 05 - Estádio Ponte Grande



A maré de vitórias dentro dos gramados, o feito histórico de ser a primeira equipe de bairro de subúrbio a assumir um posto no campeonato principal e os obstáculos para manter o clube em funcionamento, inclusive para pagar o aluguel do local, fortaleceram o clube e chamaram a atenção de um número muito grande de simpatizantes entre os grupos mais vulneráveis da cidade, o que possibilitou a ampliação das rendas das partidas e despertou o interesse de alguns políticos pelo clube. Daí em diante, os simpatizantes *corinthianos* cresceram, e não mais apenas entre os trabalhadores mais pobres.

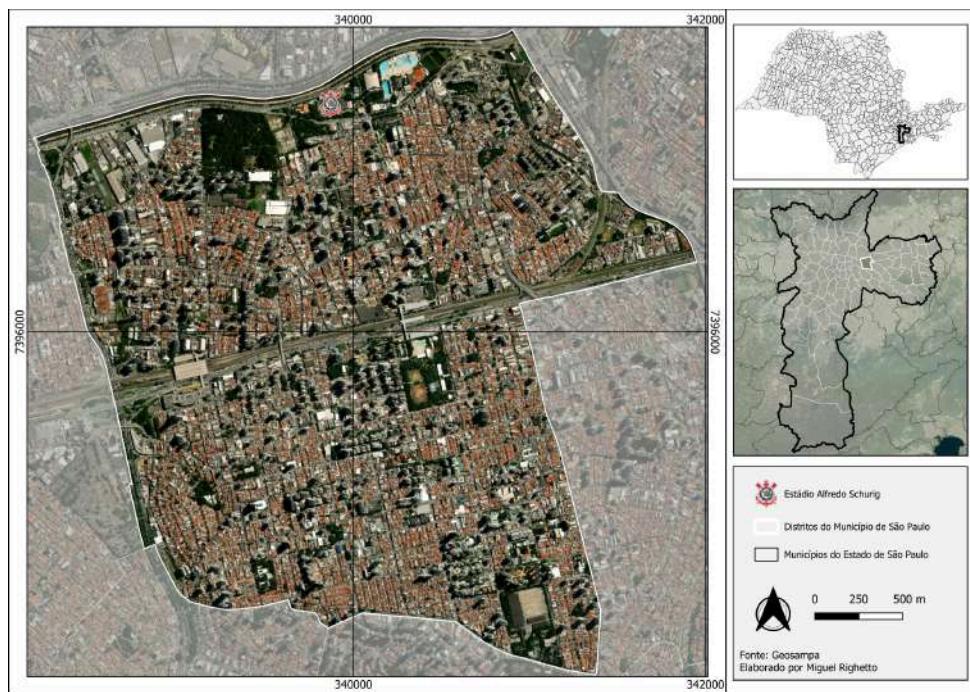


Imagen 11 - Estádio da Ponte Grande, atualmente onde fica localizado o Centro Tietê.

Fonte: Site "Meu Timão". Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.meutimao.com.br/>)

Inaugurado em 1919, a segunda casa do time alvinegro, Parque São Jorge, pertencia ao Clube Sírio e ficava na Rua São Jorge. A obtenção do Parque São Jorge foi feita em 1926 em uma reunião que contou com a presença de sócios. Foi nesse momento que o clube adquiriu identidade com São Jorge, considerado seu santo padroeiro. A partir da década de 1920, a direção do clube se afastava das mãos dos sócios e jogadores de futebol e, com isso, começa o processo de um time com mais decisões feitas pelos dirigentes nomeados. Os novos diretores tinham origem nas classes médias, pouco vínculo aos fundadores e buscavam novos horizontes para o clube, inclusive o apoio de industriais que pudessem financiar o crescimento do clube. O clube migrou em definitivo para a zona leste da cidade, região em que se concentrava boa parte do parque industrial e a maior parte do operariado da cidade.

Mapa 06 - Estádio Alfredo Schürig



Em 1930, a gestão de Alfredo Schürig seguiu a estratégia de convidar membros pertencentes às famílias da classe alta para compor a direção do clube e trouxe a construção da praça de esportes e retificações nos estatutos do time onde apresentaram mudanças para diferenciar os associados que mais contribuem financeiramente com o clube, além da transformação do clube em um clube poliesportivo devido à criação de diversos departamentos. O começo de uma era onde dinheiro e influência para que alguém conseguisse assumir o comando do clube, o time seguiria com um núcleo pequeno sendo representado pelos dirigentes e tendo uma enorme cauda composta por torcedores e jogadores, assim como o DaMatta descreve no seu livro “Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira”. Na década de 1940, o Corinthians comprou um terreno ao lado do Parque São Jorge que pertencia a um time de várzea do bairro do Tatuapé. Como o terreno era localizado do outro lado da Rua São Jorge, parte dela foi anexada ao clube depois de acordos com a Prefeitura.



Imagen 12 - Estádio do Parque São Jorge. Fonte: Site “Meu Timão”. Acessado em 05 de maio de 2024
(<https://www.meutimao.com.br/>)

Na década de 1940, o cenário esportivo em São Paulo estava em plena efervescência. Os jogos de futebol ganhavam cada vez mais espaço na vida dos paulistanos, tornando-se um dos principais entretenimentos e meios de lazer da época. Nesse contexto, o aumento do público nos jogos tornou-se uma realidade marcante, impulsionada por diversos fatores.

Um dos motivos centrais para o aumento da frequência de espectadores nos jogos era a popularização do futebol como esporte de massa. O Corinthians, um dos clubes mais tradicionais da cidade, desempenhou um papel fundamental nesse processo. Sua grande torcida e seu desempenho nos campeonatos paulistas e nacionais contribuíram para atrair um número significativo de adeptos aos estádios.

Contudo, o time alvinegro enfrentava um desafio logístico em relação ao seu estádio. O Estadio do Parque São Jorge, embora tivesse uma capacidade razoável, com a capacidade de cerca de 18.500 torcedores, não comportava a crescente demanda de público. Isso levou à necessidade de buscar alternativas para a realização dos jogos em um local que pudesse abrigar mais espectadores.



Imagen 13 - O Estádio Alfredo Schürig, conhecido como Fazendinha, localizado no Parque São Jorge no bairro do Tatuapé. Fonte: Danilo Augusto

Nesse contexto, o Estádio do Pacaembu surge como uma solução viável. Localizado em uma região central da cidade, o Pacaembu apresentava uma estrutura mais ampla e adequada para receber grandes públicos. Além disso, sua localização privilegiada facilitava o acesso dos torcedores, contribuindo para o aumento da presença nas arquibancadas.



Imagen 14 - O primeiro derby no Estádio do Pacaembu foi jogado em 1940. Fonte da imagem Acervo Público

A ligação entre o Corinthians e o Pacaembu tornou-se cada vez mais evidente ao longo dos anos. O clube passou a utilizar o estádio com frequência, sediando, primeiramente, seus jogos mais decisivos e, depois de alguns anos, todos os jogos sendo disputados no [Estádio do] Pacaembu. Essa relação estreita consolidou-se ao

ponto de surgirem negociações para que o estádio se tornasse a casa definitiva do clube.

As negociações envolvendo a possibilidade do Estádio do Pacaembu se tornar definitivamente a casa do Corinthians foram marcadas por intensas discussões e debates. Embora tenha havido interesse de ambas as partes, questões políticas e econômicas acabaram por inviabilizar um acordo definitivo. No entanto, o período de negociações evidenciou a importância do Pacaembu na história do Corinthians e sua relevância como palco de grandes momentos do futebol paulista. À medida que o Corinthians considera a transição de deixar o Estádio do Pacaembu e estabelecer um novo estádio para chamar de "casa", é crucial analisar não apenas os aspectos práticos dessa mudança, mas também as mudanças de significados subjacentes. Este movimento representa mais do que uma simples mudança de localização; reflete uma evolução no mundo do esporte, onde a comercialização e o crescimento têm desempenhado papéis cada vez mais proeminentes. A mudança para um novo estádio não é apenas uma questão de infraestrutura, mas também uma resposta às demandas de um mercado em constante transformação, onde os clubes precisam se posicionar estratégicamente para garantir sua competitividade e relevância em um cenário esportivo em evolução.



Imagen 15 - A torcida do Corinthians lotando o Estádio do Pacaembu. Fonte da imagem: Rodrigo Coca

Na década de 70, o futebol já havia se consolidado como uma parte fundamental da identidade nacional brasileira. Nos estádios, nas ruas e nos lares, a

paixão pelo futebol era evidente, moldando a cultura brasileira e deixando uma marca indelével na sociedade. Milhares de pessoas estavam profundamente envolvidas com o esporte. Clubes se massificaram devido à adesão de novos sócios, o que passou a se dar de forma mais significativa devido mais ao futebol do que por outros motivos. Como consequência, a massificação trouxe a constituição de uma indústria esportiva, a movimentação de recursos continuava em ascensão, moldando a relação dos clubes e associados com esse esporte. Para se manter esportivamente relevante, os clubes foram obrigados a serem mais que uma equipe esportiva, cada clube precisou se tornar uma empresa produtora de espetáculos.

Existem quatro marcos históricos, de acordo com Ronaldo Helal e Irlan Santos, que favorecem a reconfiguração do futebol para um meganegócio, o primeiro marco é visto a partir da formação de uma sociedade do consumo e de uma competição entre diferentes indústrias culturais e do entretenimento criando uma nova forma de conduzir o futebol com influências da cultura estadunidense. A transformação dessas associações civis em “sociedades empresárias”, processo que se intensifica a partir dos anos 1980, materializa esse processo. Houve a transformação de milhares de indivíduos associados, para, agora, milhares de clientes dedicados.

O segundo momento é a entrada de João Havelange como presidente da FIFA, o segundo presidente com maior tempo no cargo no período de 1974 até 1998, o seu legado foi fincar o futebol como uma mercadoria, um negócio a ser exportado mundialmente a partir de vínculos com grandes empresas globais aproveitando o começo da tecnologia como meio de transmissão de imagens via satélite. No contexto brasileiro, a utilização da mídia e de imagens são usadas como forma de magnitude e de fomentar o sentimento de nacionalidade e unificação do estado federal.

O terceiro marco é tratado como uma questão de superlotação de estádios, um jogo do time Liverpool, no estádio do Sheffield, gerou 96 mortes e centenas de feridos entre os torcedores. O clube era um dos mais populares do país e famoso pela sua torcida, que fora perseguida pelo governo inglês, o acidente foi consequência da negligência da força policial que não tinha treinamento para tais situações. Após as investigações do desastre de Hillsborough levaram a publicação do Taylor Report, cuja principal recomendação era que todos os estádios deveriam adotar cadeiras em todos setores por questões de segurança, assim, houve uma criação de uma nova composição do público no esporte.

O último marco está acontecendo na sociedade contemporânea com a adesão das arenas multiusos pela FIFA para que os países possam se candidatar como sede em megaeventos como a Copa do Mundo e Copa América.

As constantes mudanças no mundo esportivo criam um movimento que age sobre a sociedade, atuando na produção de novas alterações nos diversos espaços futebolísticos, dos dirigentes aos torcedores. A incorporação do esporte no circuito da mercadoria acaba por produzir novos espaços e sentidos a partir do conceito das arenas multiuso ao passo em que implica em novos meios de participação e relação do torcedor com o clube, especialmente vinculados ao consumo, o torcedor consumidor, uma vez que a utilização das arenas abre caminho para que os torcedores construam sua identidade como uma pessoa torcedora pela aquisição da sua cadeira, do seu ingresso e das suas compras durante os jogos. Essa nova estrutura ocorre por meio da imposição de um novo modelo de estádio, um modelo europeu, em detrimento dos antigos estádios de massa, o território com uma potência coletiva das torcidas e suas apropriações. De acordo com David Harvey (2005), que define, por meio da expressão "economias da despossessão", a relação entre o capital financeiro e a produção do urbano que radicaliza as desigualdades sociais, restringindo o direito à cidade. Observa-se que o processo de arenização integra um dos efeitos da acumulação de riqueza centrada na inversão de capitais excedentes na urbanização, desapropriando determinados grupos sociais das suas experiências, do seu patrimônio.

Os torcedores *corinthianos* perduraram durante anos em busca de torcer em um estádio que fosse do Corinthians, que fosse sua casa própria. Diversos projetos foram apresentados para construir e inaugurar um estádio que comportasse o crescimento do público interessado em assistir aos jogos do Corinthians. Em 1978, o primeiro projeto para um novo estádio foi apresentado com uma capacidade planejada para até duzentas mil pessoas, a construção não ocorreu devido a mudança de diretoria dentro do clube. Outros projetos foram apresentados nos anos 1981, 1993 e 1997 como metas das presidências daqueles anos, os planos não foram completados pelos impasses entre a diretoria do time e dos investidores.

A espetacularização do esporte no Brasil adquire maior ênfase a partir de 2007, comitantemente à decisão da FIFA de eleger o Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Os megaeventos esportivos - definidos por Mascarenhas (2014) como um conjunto de competições periódicas, geralmente quadriennais e que abrangem eventos de alcance planetário, como os Jogos Olímpicos de Verão, Copa

do Mundo de Futebol Masculino e eventos de alcance regional/continental, como os Jogos Pan-americanos, os Jogos Asiáticos e a Eurocopa. Esses eventos vêm apresentando há décadas crescimento constante, sendo organizados por apenas um país ou por um bloco de países, e impactando as cidades onde são realizados. Ao mesmo tempo em que atraem recursos e investimentos, mobilizam capital simbólico e geram focos de resistência social.

Durante a comemoração do centenário do time alvinegro, o presidente da época, Andrés Sanchez, declarou “Vocês podem ter certeza que nós vamos ter a nossa casa” e, com a aprovação do COL e da FIFA do projeto apresentado pelo Sport Clube Corinthians Paulista e Odebrecht para construção de uma arena que pudesse sediar os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014, a procura incessante pelo estádio próprio chega ao fim com o início das obras da Arena Corinthians.

A escolha da Arena Corinthians para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014 foi resultado de uma série de fatores estratégicos e logísticos. Primeiramente, havia a necessidade de construir estádios modernos em diversas regiões do Brasil para atender aos padrões exigidos pela FIFA para o evento. Além disso, São Paulo, como uma das maiores cidades do mundo e um importante centro econômico e cultural, não poderia ficar de fora da lista de sedes da Copa.

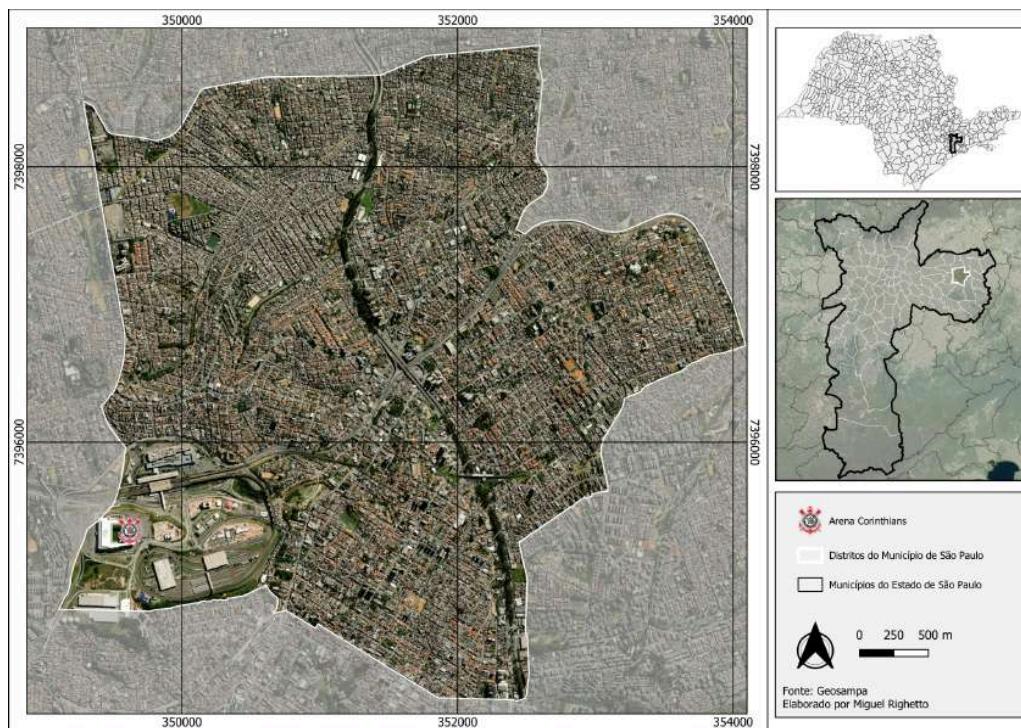
A localização da Arena Corinthians, em Itaquera, na zona leste de São Paulo, foi um dos principais fatores para sua escolha. Essa região da cidade carecia de infraestrutura esportiva de qualidade e também representava uma oportunidade de desenvolvimento urbano. A construção do estádio e os investimentos associados a ela poderiam contribuir para a revitalização da área e deixar um legado positivo para a cidade após o evento.

A construção da Arena Corinthians foi conduzida pela construtora Odebrecht, com início em 2011. O projeto envolveu um intenso trabalho de engenharia e arquitetura para garantir que o estádio atendesse aos requisitos da FIFA e fosse concluído dentro do prazo estipulado para a Copa do Mundo. No entanto, o processo de construção não foi isento de desafios. Houve atrasos em algumas etapas, principalmente relacionados a questões burocráticas, financeiras e de licenciamento ambiental. Além disso, o financiamento da obra também foi objeto de debate, com parte dos recursos provenientes de financiamento público.

Apesar das adversidades, a Arena Corinthians foi inaugurada em maio de 2014, poucos meses antes do início da Copa do Mundo, e sediou seis jogos do

torneio, incluindo a partida de abertura entre Brasil e Croácia. Após o evento, a Arena Corinthians continuou sendo utilizada como palco de importantes eventos esportivos e culturais, consolidando-se como um dos principais espaços de entretenimento da cidade de São Paulo.

Mapa 07 - Arena Corinthians

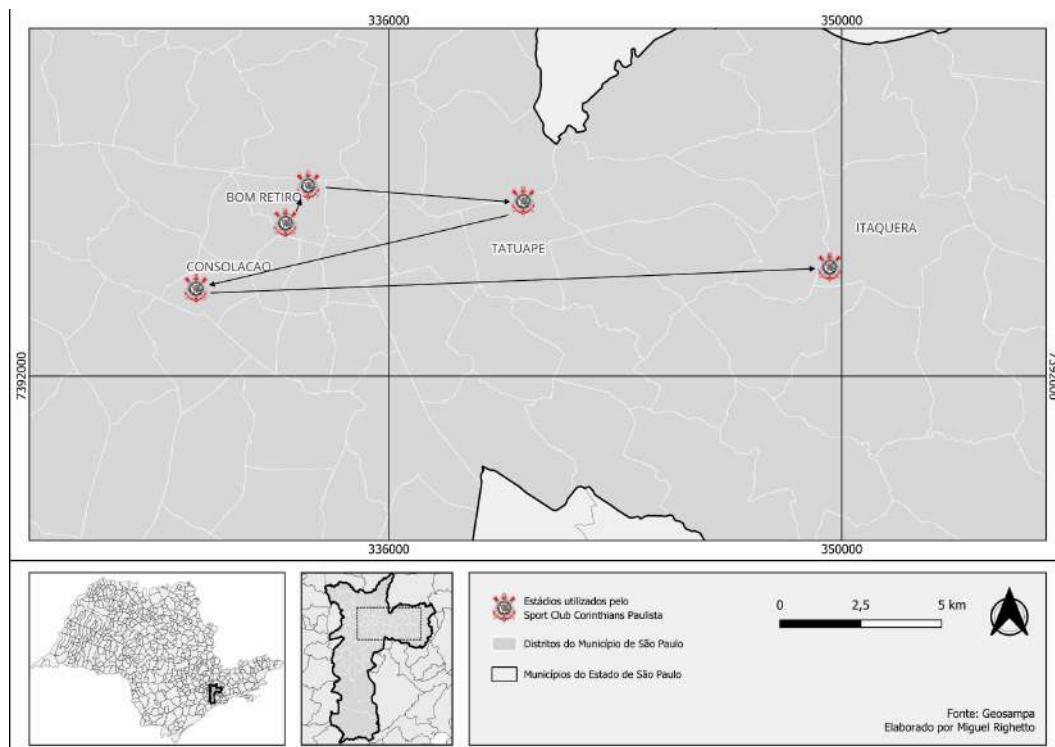


Desde os inícios das obras, a Arena Corinthians foi criada com a finalidade de seguir as padronizações sugeridas pela FIFA, a federação internacional apresentou aquilo que Hollanda (2014, p.323) define como “caderno de encargos” e que ficou conhecido popularmente como “padrão FIFA” de arenas. Oficialmente, o nome dado a esse caderno de encargos é *Football Stadiums: Technical recommendations and requirements* e, neste documento, consta o que define uma arena, com questões como assentos individuais devidamente numerados em todos os setores, câmeras de vigilância espalhadas pelo espaço, estacionamento com capacidade para milhares de carros, o equipamento esportivo deve ser construído em um lugar com fácil acesso via transporte público, entre outras medidas. As exigências da FIFA abarcam as ações dos próprios torcedores que foram obrigados a seguir regras, como manifestações políticas dentro das arenas eram proibidas, grandes faixas e bandeiras vetadas e até mesmo ficar em pé durante os jogos era considerado uma violação, fazendo valer uma política apelidada de *all-seated*. Observa-se claramente como esse modelo de

arenas multiusos se contrapõem ao modelo de “estádios”; enquanto no primeiro o torcedor deve seguir um comportamento ordeiro e passivo de telespectador, no segundo existe a possibilidade de o torcedor estar ativo na produção do espetáculo.

A história do Corinthians é uma jornada marcada por desafios e conquistas, refletindo não apenas a evolução do clube, mas também a dinâmica social e urbana de São Paulo. Desde os primeiros dias no bairro do Bom Retiro até a mudança para a zona leste da cidade, o clube buscou incansavelmente um lar que pudesse abrigar sua paixão pelo futebol e sua crescente legião de fãs. A inauguração do Estádio da Ponte Grande marcou um ponto crucial nessa busca, proporcionando ao clube um espaço para suas atividades esportivas e o desenvolvimento de sua identidade. No entanto, a necessidade de acomodar uma torcida em constante crescimento e a busca por um local que refletisse a grandeza e história do clube levaram à migração para o Estádio do Pacaembu e, finalmente, à construção da Arena Corinthians.

Mapa 08 - Cronologia da passagem do Sport Club Corinthians pelos estádios utilizados



Concluindo, ao observar no mapa a marcha a leste em busca de um estádio próprio, pode-se compreender como essa trajetória culminou na realização do sonho

corinthiano de ter uma casa que não apenas abrigasse suas vitórias e derrotas, mas também refletisse sua importância e influência dentro e fora dos gramados.

CAPÍTULO IV

TORCEDOR PROTAGONISTA: O DIREITO DA FIEL QUE PAGA INGRESSO SEM PARAR

O fenômeno do torcer transcende meramente o apoio a um time de futebol, ser um torcedor é um complexo conjunto de práticas, significados e identidades que se entrelaçam com a luta pelo espaço territorial, a resistência para se manter fiel ao seu time e aos rituais de festividades pré e pós os jogos. Nicolau Sevcenko, em *Orfeu Extático na Metrópole*, descreve a maneira como o futebol repercutiu na Pauliceia a ponto de poder ser chamado de "febre". Diz o historiador que

Uma avaliação do significado profundo da febre futebolística não pode, entretanto, se circunscrever ao âmbito do cobiçado estádio ou da curta duração das partidas. O fenômeno esportivo em geral, futebolístico em particular, é uma manifestação plenamente urbana, que palpita de um modo ou de outro por todos os desvãos da cidade e preenche o tempo ampliado das horas de lazer. Ele é ubíquo na fiscalidade concreta das atitudes e expressões que difunde e onímodo na variedade abstrata dos estados emotivos que desperta e alimenta. A cidade dissipada no caos de um crescimento tumultuoso encontra nele a enfibratura de correntes que organizam pela exaltação. Essas correntes conjugam focos de alinhamentos coletivos que se sustentam pela adesão voluntária e a comutação do entusiasmo em doses cotidianas. A cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz - ela não o vê de fora, ela se vê nele.

A mudança dos jogos do Corinthians do Pacaembu para a Arena Corinthians não apenas marcou uma transição física entre estádios, mas também refletiu mudanças econômicas e sociais mais amplas dentro do contexto do torcedor do Corinthians na cidade paulistana. O Pacaembu, com sua localização central e história rica, não só representava um local emblemático para o clube, mas também servia como um ponto de encontro para a socialização e criação da identidade dos torcedores do Corinthians. No entanto, com o tempo, as limitações estruturais do estádio tornaram-se evidentes, especialmente à medida que a demanda por ingressos crescia e a obrigatoriedade de modernização se tornava urgente para que o capital esportivo continuasse avançando. A construção da Arena Corinthians, por sua vez, trouxe a simbologia de um salto para uma infraestrutura esportiva mais moderna e

sofisticada, alinhada com as expectativas de um mercado esportivo altamente mercantilizado junto às demandas comerciais de um futebol contemporâneo. Entretanto, essa mudança não ocorreu sem controvérsias já que essa transformação provocou questões sobre a distribuição de recursos e a manutenção de tradições dentro do clube.

A discussão sobre o espaço esportivo é invariavelmente uma batalha contínua pela sua utilização, tanto durante as competições quanto fora delas. A acessibilidade para participar como espectador nos jogos de futebol sofreu transformações ao longo dos anos. Inicialmente concebido como um ambiente comunitário, permeado por um senso de pertencimento local e interação comunitária, o esporte bretão evoluiu em direção a uma profissionalização tanto das equipes quanto da infraestrutura dos locais de competição. Com isso, o espaço esportivo começou a adquirir valor, e a sua localização tornou-se central para garantir a acessibilidade de um público mais amplo e para aumentar a base de torcedores dos clubes.

Essa mudança gradual foi impulsionada pela mercantilização dos eventos esportivos, que transformou o esporte em um negócio lucrativo, focado em maximizar o capital de diversas maneiras. Essa evolução culminou na concepção de arenas multiuso, que foram projetadas não apenas para sediar jogos, mas também para servir como centros de entretenimento e lazer. Com isso, houve uma transição do público cujo principal objetivo era assistir ao jogo e torcer fervorosamente pelo seu time para um público que enxerga o jogo como parte de uma experiência mais ampla, que oferece uma gama diversificada de serviços e entretenimento (Mascarenhas, 2014). Assim como dito pelo jornalista Diogo Olivier

“A meta das arenas multiuso que se multiplicarão no Brasil rumo a 2014 é conquistar aquele público que ficava em casa assistindo pela TV, sem paciência para aturar tanto desconforto em estádios velhos e ultrapassados. Para sustentar os custos de manutenção de tanto conforto e possibilidades de lazer, o ingresso será naturalmente mais caro. Terá de acontecer uma mudança cultural no exercício de torcer.”

Essa transformação no comportamento do público reflete não apenas a comercialização do esporte, mas também as mudanças na cultura e nas expectativas sociais em relação ao entretenimento e ao lazer. A experiência esportiva moderna é caracterizada não apenas pelo jogo em si, mas também pelas festividades que a

acompanham, que são cada vez mais valorizadas pelos espectadores. Nesse sentido, as arenas multiuso representam não apenas uma transformação na arquitetura dos espaços esportivos, mas também uma adaptação às demandas e preferências de um público com a idealização de um esporte com uma via de entretenimento sem qualquer cunho político e de uma iniciativa que fomenta a imagem de um estádio como, assim dito pelo jornalista Luiz Zini Pires, “um espetacular espaço ao torcedor, que ocupou as cadeiras como se estivesse num teatro de futebol”.

Para ilustrar a relação entre a mudança de local dos jogos, anteriormente sediados no Estádio do Pacaembu e posteriormente transferidos para a Arena Corinthians, e as alterações no perfil socioeconômico dos torcedores do Sport Club Corinthians Paulista, é imprescindível analisar o estádio como um espaço em constante disputa por ocupação. Compreender essa dinâmica requer uma análise abrangente das interações que envolvem a ocupação do estádio durante as partidas. Este estudo se propôs a investigar as dinâmicas socioeconômicas dos torcedores do Corinthians durante os confrontos contra seu principal rival, a Sociedade Esportiva Palmeiras.

Com base na tabela abaixo com os dados sobre o público e a renda total dos jogos entre Corinthians e Palmeiras, uma análise da evolução desses indicadores ao longo das décadas revela aspectos significativos sobre o panorama do futebol paulistano e suas interações com o contexto socioeconômico mais amplo do Brasil.

Tabela 1 - Jogos Corinthians e palmeiras, Público e renda - 1990/2023

Data	Estádio	Público	Renda	Valor médio do ingresso
11/04/1951	Pacaembu	54.465	Cr\$827.922,00	Cr\$15,20
24/03/1951	Pacaembu	61.726	Cr\$753.953,00	Cr\$12,21
24/03/1959	Pacaembu	64.726	-	-
13/04/1960	Pacaembu	-	Cr\$808.180,00	-
17/08/1960	Pacaembu	50.691	Cr\$3.775.875,00	Cr\$74,49
03/11/1960	Pacaembu	46.274	Cr\$4.473.475,00	Cr\$96,67
13/09/1961	Pacaembu	62.514	Cr\$7.667.950,00	Cr\$122,66

Data	Estádio	Público	Renda	Valor médio do ingresso
Pacaembu				
22/02/1962		-	Cr\$4.754.200,00	-
30/09/1962	Pacaembu	-	Cr\$ 4.872.500,00	-
09/12/1962	Pacaembu	-	Cr\$ 6.992.000,00	-
23/02/1963	Pacaembu	-	Cr\$14.906.200,00	-
15/09/1963	Pacaembu	47.762	Cr\$16.651.800,00	Cr\$348,64
18/04/1964	Pacaembu	-	Cr\$23.248.200,00	-
04/12/1963	Pacaembu		Cr\$17.529.900,00	-
13/09/1964	Pacaembu	54.312	Cr\$35.009.400,00	Cr\$644,60
29/11/1964	Pacaembu	32.899	Cr\$ 22.716.600,00	Cr\$690,50
24/02/1965	Pacaembu	22.743	Cr\$ 11.158.400,00	Cr\$490,63
05/05/1965	Pacaembu	-	Cr\$ 40.683.000,00	-
05/05/1965	Pacaembu	36.528	Cr\$58.035.000,00	Cr\$1.588,78
05/12/1965	Pacaembu		Cr\$31.869.000,00	-
27/05/1966	Pacaembu	28.880	Cr\$ 68.390.000,00	Cr\$2.368,07
02/10/1966	Pacaembu	37.139	Cr\$85.179.500,00	Cr\$2.293,53
24/05/1967	Pacaembu	44.593	NCr\$104.721,00	NCr\$2,35
09/03/1967	Pacaembu	-	NCr\$29.500,50	-
30/07/1967	Pacaembu	33.412	NCr\$ 85.137,00	NCr\$2,55
19/11/1967	Pacaembu	31.325	NCr\$78.741,00	NCr\$2,51
30/07/1967	Pacaembu	33.412,00	NCr\$ 85.137,00	NCr\$2,55
19/11/1967	Pacaembu	31.325	NCr\$78.741,00	NCr\$2,51
10/03/1968	Pacaembu	38.234	NCr\$136.018,00	NCr\$3,56
11/05/1968	Pacaembu	14.229	NCr\$45.325,00	NCr\$3,19
15/11/1969	Pacaembu	27.763	NCr\$157.911,00	NCr\$5,69
22/11/1970	Pacaembu	41.771	Cz\$234.487,00	Cr\$5,61

Data	Estádio	Público	Renda	Valor médio do ingresso
27/01/1972	Pacaembu	34.838	Cz\$246.371,00	Cr\$7,07
30/07/1972	Pacaembu	62.701	Cz\$428.467,00	Cr\$6,83
01/11/1972	Pacaembu	58.563	Cz\$444.713,00	Cr\$7,59
26/05/1973	Pacaembu	17.464	Cz\$40.952,00	Cr\$8,07
17/03/1974	Pacaembu	31.748	-	-
18/08/1974	Pacaembu	56.546	Cz\$626.797,00	Cr\$11,08
15/12/1974	Pacaembu	38.511	Cz\$423.470,00	Cr\$11,00
18/12/1974	Pacaembu	35.676	Cz\$585.294,00	Cr\$16,41
23/02/1975	Pacaembu	45.398	Cz\$494.639,00	Cr\$10,90
11/05/1975	Pacaembu	48.051	Cz\$508.478,00	Cr\$10,58
15/06/1975	Pacaembu	50.440	Cz\$648.543,00	Cr\$12,86
06/08/1981	Pacaembu	42.231	Cz\$8.528.700,00	Cr\$201,95
04/05/1982	Pacaembu	18.973	Cz\$6.147.400,00	Cr\$324,01
13/10/1985	Pacaembu	21.434	Cz\$224.400.000,00	Cr\$10.469,35
18/08/1985	Pacaembu	24.993	Cz\$134.340.000,00	Cr\$5.375,11
27/04/1986	Pacaembu	44.934	Cz\$1.018.010,00	Cz\$22,66
12/04/1987	Pacaembu	27.395	Cz\$1.665.630,00	Cz\$60,80
21/06/1987	Pacaembu	49.633	Cz\$3.374.940,00	Cz\$68,00
25/10/1987	Pacaembu	22.433	Cz\$2.649.100,00	Cz\$118,09
15/05/1988	Pacaembu	52.460	Cz\$15.255.700,00	Cz\$290,81
29/06/1988	Pacaembu	49.391	Cz\$16.674.700,00	Cz\$337,61
04/08/1993	Pacaembu	18.719	Cz\$676.900,00	Cz\$36,16
07/08/1993	Pacaembu	28.363	CR\$ 981.435,00	CR\$ 34,60
15/05/1994	Pacaembu	-	-	-
15/12/1994	Pacaembu	36.409	R\$ 389.865,00	R\$ 10,71
02/04/1995	Pacaembu	36.810	R\$ 402.802,00	R\$ 10,94
21/05/1995	Pacaembu	18.363	R\$ 196.122,00	R\$ 10,68
17/09/1995	Pacaembu	25.543	R\$ 102.172,00	R\$ 4,00
31/01/2010	Pacaembu	28.587	R\$ 933.776,00	R\$ 32,66

Data	Estádio	Público	Renda	Valor médio do ingresso
01/08/2010	Pacaembu	24.491	R\$ 888.586,00	R\$ 36,28
24/10/2010	Pacaembu	32.391	R\$ 1.085.683,50	R\$ 33,52
06/02/2011	Pacaembu	23.714	R\$ 678.111,00	R\$ 28,60
01/05/2011	Pacaembu	33.861	R\$ 949.238,00	R\$ 28,03
04/12/2011	Pacaembu	36.708	R\$ 1.326.367,00	R\$ 36,13
25/03/2012	Pacaembu	29.284	R\$ 902.189,00	R\$ 30,81
24/06/2012	Pacaembu	17.519	R\$ 434.436,50	R\$ 24,80
16/09/2012	Pacaembu	24.692	-	-
17/02/2013	Pacaembu	34.010	R\$ 1.139.287,50	R\$ 33,50
16/02/2014	Pacaembu	22.222	R\$ 668.500,50	R\$ 30,08
27/07/2014	Arena Itaquera	31.031,00	R\$ 2.206.184,00	R\$ 71,10
25/10/2014	Pacaembu	24.245	R\$ 548.062,50	R\$ 22,61
19/04/2015	Arena Itaquera	39.055	R\$ 3.194.302,50	R\$ 81,79
31/05/2015	Arena Itaquera	29.479	R\$ 1.784.531,76	R\$ 60,54
03/04/2016	Pacaembu	21.219	R\$ 644.765,00	R\$ 30,39
17/09/2016	Arena Itaquera	39.879	R\$ 2.344.829,00	R\$ 58,80
22/02/2017	Arena Itaquera	30.727	R\$ 1.535.887,00	R\$ 49,98
05/09/2017	Arena Itaquera	46.090	R\$ 2.908.847,00	R\$ 63,11
24/02/2018	Arena Itaquera	42.178	R\$ 2.476.111,00	R\$ 58,71
31/03/2018	Arena Itaquera	43.535	R\$ 3.182.923,00	R\$ 73,11
13/05/2018	Arena Itaquera	34.967	R\$ 2.006.830,00	R\$ 57,39
04/08/2019	Arena Itaquera	42.675	R\$ 2.998.991,00	R\$ 70,28
09/11/2019	Pacaembu	34.283	R\$ 1.420.520,00	R\$ 41,44
22/07/2020	Arena Itaquera	-	-	-
05/08/2020	Arena Itaquera	-	-	-
10/09/2020	Arena Itaquera	-	-	-
03/03/2021	Arena Itaquera	-	-	-
16/05/2021	Arena Itaquera	-	-	-
25/09/2021	Arena Itaquera	-	-	-
27/03/2022	Arena Itaquera	39.511	R\$ 2.050.459,46	R\$ 51,90

Data	Estádio	Público	Renda	Valor médio do ingresso
13/8/2022	Arena Itaquera	44.666	R\$ 3.226.090,00	R\$ 72,23
16/02/2023	Arena Itaquera	45.505	R\$ 2.582.382,00	R\$ 56,75
03/09/2023	Arena Itaquera	43.997	R\$ 2.892.111,00	R\$ 65,73

Fontes: Confrontos entre corinthians e palmeiras, MeuTimão, 2024, www.meutimao.com.br/confrontos-entre-corinthians-e-palmeiras
 Pacaembu, Verdazzo, 2010- atualizado 2024, <https://www.verdazzo.com.br/estadio/pacaembu/>

Na década de 50, período marcado pelo crescimento do futebol como um fenômeno cultural e social no país, observou-se um entusiasmo expressivo por parte da população de São Paulo em ocupar os estádios para assistir aos jogos entre Corinthians e Palmeiras. Com uma média de público de 60 mil pessoas e uma renda média dos ingressos de Cr\$790 mil (setecentos e noventa mil cruzeiros), evidenciou-se a consolidação de uma identidade esportiva na cidade, refletindo o apego e a paixão dos paulistanos pelo futebol.

Entretanto, na década seguinte, houve um decréscimo no público médio para cerca de 37 mil pessoas, influenciada por questões relacionadas às novas regulamentação quanto a segurança nos estádios, o que impactou diretamente na capacidade de lotação dos jogos. A renda média dos ingressos, por sua vez, aumentou significativamente, atingindo valores de Cr\$24.143.220,00 (vinte e quatro milhões, cento e quarenta e três mil, duzentos e vinte cruzeiros) e NCz\$ 89.025 (oitenta e nove mil e vinte e cinco cruzeiros novos), indicando uma valorização econômica do espetáculo futebolístico.

A transição para a década de 60 também testemunhou um aumento progressivo nos valores dos ingressos, em consonância com o contexto inflacionário do país. Apesar da crise econômica, os valores continuaram a crescer, especialmente após a mudança de estádio, sugerindo uma adaptação estratégica por parte dos clubes para maximizar seus lucros.

A década de 70 foi marcada pelo uso frequente do estádio do Pacaembu pelo Corinthians, consolidando-o como o local principal para os jogos do clube. A média de público nesse período foi de aproximadamente 43.476 pessoas, com uma renda média de Cr\$434.746,45 (quatrocentos e trinta e quatro mil, setecentos e quarenta e seis cruzeiros e quarenta e cinco centavos), refletindo a estabilidade e fidelidade da torcida *corinthiana*. As mudanças estruturais nos estádios, como a construção do tobogã, proporcionaram não apenas um aumento na capacidade de público, mas

também uma nova fonte de receita por meio da venda de ingressos adicionais. Contudo, a inflação da década de 80 resultou em um aumento considerável nos preços dos ingressos, que constantemente tentava ser controlada, mas inevitavelmente resultou afastando parte do público dos estádios.

A década de 80 também foi marcada pela militância política dos jogadores do Corinthians, em conjunto com a democracia *corinthiana*, refletindo-se em formas de protesto contra a ditadura nos jogos em que os números no estádio contribuíam para evidenciar o movimento. A média de público nesse período foi de aproximadamente 41 mil torcedores, com uma renda de Cz\$6.773.013,13 (seis milhões, setecentos e setenta e três mil, treze cruzados e treze centavos), evidenciando a capacidade mobilizadora do futebol como uma ferramenta de expressão social. Na década de 90, o estádio do Pacaembu continuou a ser o palco central das disputas entre Corinthians e Palmeiras, embora o público médio tenha diminuído para cerca de 27 mil torcedores. A renda média dos ingressos variou significativamente devido às mudanças na moeda e aos planos econômicos adotados para controlar a inflação, refletindo a instabilidade financeira do país durante esse período.

Por fim, com a estabilização da inflação e a permanência do real como moeda oficial até os dias atuais, a média de preços dos ingressos no Pacaembu se estabiliza no final da década de 90 e se mantém com poucas alterações nos anos seguintes. Cabendo ressaltar que os jogos entre Corinthians e Palmeiras passam a ser realizados fora do Estádio do Pacaembu do ano de 1997 ao ano de 2010, dando-se prioridade ao Estádio do Morumbi para realização dos clássicos.

Ao aprofundar-nos sobre os valores cobrados para acesso aos jogos no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, durante os anos de 2010, podemos conferir a seguinte segmentação, através do site “Meu Timão” que o estádio do Pacaembu utiliza uma setorização do espaço para venda de ingressos. As arquibancadas verde e amarela representam as opções mais acessíveis, com ingressos custando em média R\$30,00(trinta reais). Na arquibancada amarela, destinada às torcidas organizadas, verifica-se uma oferta semelhante de preços. O setor das cadeiras laranjas oferece ingressos com valor médio de R\$70(setenta reais), enquanto as cadeiras numeradas, situadas em posição de visão equivalente às cadeiras laranjas, porém com numeração, têm ingressos com preço médio de 100 reais. O setor VIP, localizado acima das cadeiras numeradas, apresenta ingressos com valor médio de R\$180,00(cento e oitenta reais).

Por fim, o setor do tobogã e arquibancada "Portão 21" é disponibilizado quando os ingressos dos setores anteriores são esgotados, visando aumentar o número de torcedores e otimizar a arrecadação de receita. Os ingressos desses setores custam em média R\$30,00(trinta reais). Essa análise das opções de ingressos revela uma estratificação socioeconômica entre os torcedores, com diferentes faixas de preço refletindo distintos níveis de acesso e status dentro do contexto do evento esportivo. Tal dinâmica sugere uma relação intrínseca entre a comercialização dos ingressos e a demografia dos espectadores, destacando a complexidade das relações sociais e econômicas que permeiam o espaço do estádio e suas interações com a comunidade torcedora.



Imagen 16 - Mapa dos setores do Estádio do Pacaembu. Fonte: Site “Estádio do Pacaembu”. Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.estadiodopacaembu.com.br/>)

A construção da Arena Corinthians marca o desfecho de uma longa busca pela morada definitiva dos fervorosos torcedores alvinegros. Este feito não apenas simboliza uma mudança geográfica, mas também incita uma profunda reconfiguração das dinâmicas urbanas e nas rotinas dos indivíduos envolvidos. Este movimento, embora aparentemente localizado, é reflexo da própria natureza mutável da cidade, concebida por Lefèvre (2001) como uma obra em constante processo de transformação, moldada pelas interações sociais e pela divisão do trabalho.

A mudança na rotina dos torcedores *corinthianos*, aparentemente simples à primeira vista, revela-se como um catalisador de transformações significativas no uso

e na percepção do espaço urbano. De acordo com Lefèvre (2001), a cidade é uma construção civilizatória que assume diferentes configurações ao longo da história, refletindo as dinâmicas sociais e econômicas de cada período, desde a antiguidade até a modernidade. Nesse sentido, ela não pode ser concebida como um ente estático ou imutável, mas sim como um centro dinâmico da vida em sociedade, onde ocorre a complexa interação da divisão social do trabalho e a reprodução das relações sociais de produção, permeando diversas atividades e gerando conflitos e contradições.

Durante mais de três décadas, os torcedores do Sport Club Corinthians Paulista se habituaram a uma rotina meticulosa ao se dirigirem ao Estádio do Pacaembu. Essa jornada envolvia uma série de considerações, desde os horários de trabalho até as modalidades de transporte utilizadas, passando até mesmo pelo planejamento financeiro para custear os alimentos consumidos nas proximidades do emblemático Estádio Paulo Machado de Carvalho. Essa familiaridade com os rituais pré-jogo não se limitava apenas à logística; era, na verdade, a construção de uma relação profundamente enraizada com o espaço físico e o tempo. Estabelecidos ao longo das décadas, esses rituais adquiriram uma relevância cultural e emocional inegável, tornando-se parte integrante da identidade coletiva dos torcedores corinthianos. Contudo, a mudança de sede para o bairro de Itaquera, onde foi erguida a moderna Arena Corinthians, implicou em uma ruptura significativa nessa dinâmica estabelecida. Apesar do acesso direto proporcionado pelo metrô Corinthians-Itaquera, a alteração espacial desencadeou uma necessidade imediata de readequação por parte dos frequentadores. Anteriormente, com os jogos sediados no centro da cidade de São Paulo, os torcedores desfrutavam de uma conveniência geográfica que minimizava a necessidade de deslocamentos prolongados. No entanto, a transferência para a zona leste da cidade introduziu uma nova realidade, na qual os torcedores se veem diante de desafios logísticos e de mobilidade consideravelmente mais complexos.

Essa transição, além de afetar diretamente a vida cotidiana dos torcedores, também implica em uma reconfiguração do próprio tecido urbano. Os novos trajetos, hábitos e pontos de encontro dos adeptos *corinthianos* influenciam a dinâmica da cidade, gerando uma série de adaptações e transformações tanto no âmbito individual quanto coletivo. Dessa forma, a simples mudança na rotina dos torcedores revela-se como um processo complexo e multifacetado, que evidencia a natureza dinâmica e em constante transformação da cidade contemporânea.

Até o assento no qual o torcedor-consumidor irá ocupar no espetáculo está organizado dentro de um pensamento institucional, e mesmo que sua identificação como indivíduo seja mantida, ele se torna dessubjetivado de frente para o gramado, com seu corpo docilizado e imóvel em uma cadeira, o que poderíamos interpretar como a intenção de se docilizar a forma de torcer, e que ela seja cada vez mais controlada e contemplativa (JUNIOR; PADOVEZ, 2018, p.5).

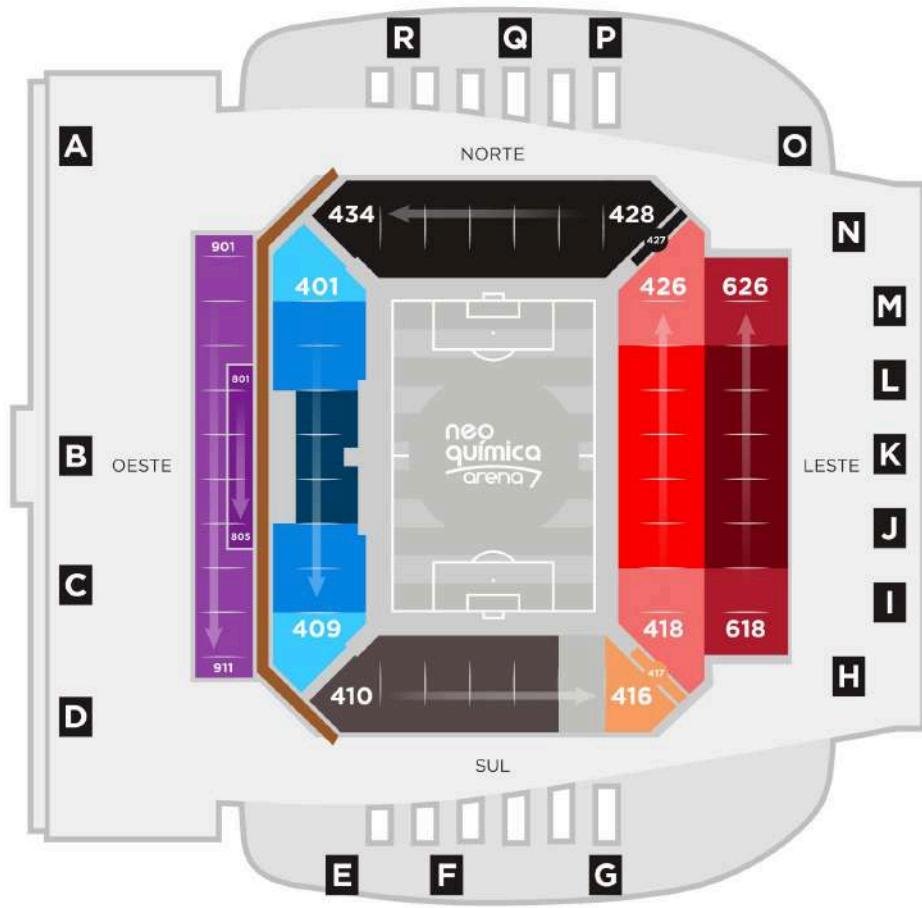
A construção da Arena Corinthians reflete uma tendência mais ampla de comercialização do esporte, onde os eventos esportivos se inserem em uma experiência comercial mais ampla. Este fenômeno, denominado "arenização", representa uma metamorfose na estrutura do futebol, direcionando o foco para a maximização dos lucros e redefinindo o papel social do esporte. Essa mudança não é apenas espacial, mas também comportamental, transformando a vivência do torcedor em um evento mais controlado e comercializado.

Além dos aspectos pertinentes ao conforto e à segurança, as modernas arenas esportivas se destacam por uma oferta de serviços mais diversificada, caracterizada pela presença de espaços que abrigam atividades paralelas aos eventos esportivos, tais como lojas, bares, cafés, restaurantes e demais equipamentos de entretenimento. Essas instalações, comumente referidas como "arenas multiuso", oferecem uma experiência que transcende o simples espectro esportivo (BARRETO; NASCIMENTO, 2011, p. 21).

A obtenção de ingressos para eventos em arenas esportivas, seja através de programas de associação aos clubes ou por meio das bilheterias, requer, atualmente, a obrigatoriedade de cadastro atualizado no sistema online denominado Fiel Torcedor. Esta exigência contrasta com a prática anteriormente observada no Estádio do Pacaembu, onde os ingressos podiam ser adquiridos tanto presencialmente nas bilheterias quanto através do website do clube. Após um ano de sua inauguração, a Arena Corinthians passou a permitir o acesso apenas aos torcedores que adquiriram seus ingressos exclusivamente pelo site de vendas. Os motivos subjacentes a essas restrições são diversos e variam desde a dificultação das atividades dos cambistas, que adquirem ingressos com o intuito de revendê-los a preços exorbitantes no dia do evento, até a prevenção de possíveis prejuízos financeiros ao clube decorrentes da utilização indevida do benefício da meia-entrada por parte dos torcedores.

No processo de compra de ingressos para jogos do Corinthians, é observada uma setorização do espaço destinado à observação da partida. Esta divisão se

manifesta em diferentes categorias, como o Setor Oeste Superior e Inferior, áreas que oferecem maior conforto, e os Setores Leste Superior Central, Leste Superior, Leste Inferior e Leste Inferior Central, que apresentam preços mais acessíveis, porém ainda relativamente elevados. Além disso, há os Setores Sul e Norte, localizados atrás dos gols, que proporcionam uma visão menos privilegiada do campo e oferecem um nível de conforto inferior, porém são comercializados a preços mais acessíveis em comparação às outras opções disponíveis. A delimitação desses setores é claramente demarcada na arena, dificultando significativamente a transição entre eles, quando não impossibilitando-a. Tal divisão não é exclusiva da Arena Corinthians, mas é uma prática comum em arenas e estádios de médio e grande porte no Brasil há bastante tempo. É relevante destacar que, embora na etapa de venda de ingressos, dos jogos do Corinthians no Estádio do Pacaembu, seja indicado que o setor amarelo é destinado às torcidas organizadas e o setor verde aos torcedores não organizados, a ausência de uma segregação física e a possibilidade de livre circulação entre eles permite que ambos os setores sejam ocupados tanto por torcedores organizados quanto por não organizados (BOCCHI, 2016, p. 114). Esta peculiaridade ressalta a complexidade das dinâmicas sociais e comportamentais observadas nos espaços de entretenimento esportivo, evidenciando as nuances da interação entre os diversos grupos de torcedores e sua relação com o espaço físico da arena.



N9 OESTE SUPERIOR	N6 LESTE SUPERIOR CENTRAL
N8 BUSINESS	N6 LESTE SUPERIOR LATERAL
N5/N6 CAMAROTES	N4 LESTE INFERIOR CENTRAL
N4 MINHA CADEIRA CENTRAL / OESTE CENTRAL	N4 LESTE INFERIOR LATERAL
N4 MINHA CADEIRA LATERAL / OESTE INFERIOR	N4 SUL
N4 MINHA CADEIRA CORNER / OESTE CORNER	N4 SUL VISITANTE
N4 NORTE	

Imagen 17 - Mapa dos setores da Arena Corinthians. Fonte: Site “Neo Química Arena”. Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.neoquimicaarena.com.br/>)

A partir dessa nova concepção de estádio, Giulianotti (2012) argumenta que o acesso ao futebol passa a ser regido pelas variáveis econômicas dos seus torcedores, favorecendo a presença de um público cujo interesse primordial se concentra no consumo. Sob essa ótica, emerge uma nova identidade de torcedor, moldada por um conjunto despersonalizado de relações orientadas para o mercado. A "arenização" coloca o próprio jogo de futebol em segundo plano, destacando a experiência de lazer consumista proporcionada pelas arenas multiuso. Um exemplo emblemático dessa transformação é observado na Arena Corinthians, onde o espetáculo esportivo se desdobra em uma variedade de serviços e atividades de entretenimento. Durante os intervalos das partidas, os torcedores têm a oportunidade de participar do "Chute do

"Intervalo", um evento no qual os sócios-torcedores com frequência assídua nos jogos e em dia com seus planos têm a chance de serem sorteados para vivenciar experiências como chutar a bola no gol e tirar fotografias.

Além disso, destaca-se a possibilidade de participação em atividades de lazer mais extremas, como deslizar em uma tirolesa que oferece uma vista panorâmica do campo de Itaquera. O estádio deixa de ser apenas o palco do evento esportivo, transformando-se em um centro de entretenimento multifacetado, onde o jogo de futebol representa apenas uma das diversas opções de lazer oferecidas. "O espaço lúdico, onde o corpo se encontra reencontrando o uso, se torna âmbito do lucro, com este subordinando as possibilidades do gozo e degradando-as" (LEFEBVRE, 1991, p. 128). A crescente comercialização e diversificação dos serviços prestados nas arenas evidenciam uma mudança significativa na cultura e na experiência do torcedor, na qual o consumo e o entretenimento assumem um papel preponderante.



Imagen 18 - Desafio do Intervalo na Arena Corinthians. Fonte: Site "Corinthians". Acessado em 05 de maio de 2024 (<https://www.corinthians.com.br/>)

A contradição de identidade na Arena do Corinthians se evidencia na escolha de uma estética de luxo, que contrasta com as raízes históricas do clube, intrinsecamente ligadas a uma identidade popular. A padronização desta estética com a de outros ambientes, muitas vezes dissociados da prática esportiva, resulta na perda de qualquer caráter relacional que poderia ser desenvolvido no local. Associado a isso, a torcida, que ainda mantém uma ligação mais forte com os estádios antigos

do que com a Neo Química Arena, contribui para caracterizá-la como um "não-lugar", conforme descrito por Augé que define "não-lugares" como espaços que não possuem características identitárias, relacionais ou históricas definidas. A hipótese sustentada aqui é que a supermodernidade é responsável pela produção desses não-lugares, onde os espaços tradicionais são substituídos por ambientes desprovidos de significado cultural e histórico. A relação conflituosa entre os torcedores de torcidas organizadas e a diretoria do Sport Club Corinthians Paulista é evidenciada pela política de segregação adotada na Arena Corinthians, que implica na imposição de assentos numerados. Esta medida restringe severamente as práticas culturais e sociais dos grupos, limitando o uso de instrumentos musicais, como baterias, e as movimentações corporais durante a entoação de cânticos, como o conhecido "porópopó".

A partir deste contexto, emerge a hipótese sustentada neste estudo de que a supermodernidade desempenha um papel crucial na produção desses "não-lugares". Segundo o conceito de supermodernidade, proposto por Marc Augé, a contemporaneidade é marcada por uma tendência à homogeneização e despersonalização dos espaços, resultando na substituição de ambientes tradicionais por locais desprovidos de significado cultural e histórico. No contexto da Arena Corinthians, a imposição de políticas que visam a padronização e controle estrito dos comportamentos dos torcedores contribui para a materialização desses "não-lugares". Ao restringir a liberdade de expressão das torcidas organizadas e neutralizar sua identidade cultural, a arena se converte em um ambiente impessoal, onde as práticas tradicionais são suprimidas em prol de uma uniformidade superficial.

Além da segregação espacial, outra fonte de conflito entre os frequentadores dos jogos e a administração do estádio é o alto custo das comidas vendidas no local. Esta disparidade de valores tem sido objeto de crítica por parte dos torcedores, que expressam insatisfação com os preços excessivos dos itens disponíveis para consumo durante as partidas. Este aspecto reforça a hipótese da supermodernidade, evidenciando como a comercialização de alimentos na Arena Corinthians contribui para a transformação do espaço em um "não-lugar", onde as dimensões econômicas prevalecem sobre as considerações culturais e sociais.

Além da análise do espaço físico da arena, é importante reconhecer que o estádio de futebol transcende sua materialidade. Sua espacialidade se estende para além do recinto arquitônico, abrangendo as vias de acesso e o anel periférico onde ocorrem as interações dos diversos atores envolvidos, especialmente em dias de grandes jogos. As torcidas organizadas e os vendedores ambulantes disputam territorialmente esses espaços, contribuindo para a riqueza da experiência vivida pelos frequentadores do estádio. Entretanto, observa-se uma tendência de transformação do estádio de futebol, impulsionada por agentes dominantes interessados em uma reconfiguração física, funcional e simbólica. O setor mais caro da Neo Química Arena, o setor Oeste, exemplifica essa transformação, evidenciando a dificuldade em manter a narrativa de "time do povo". A inserção de elementos como escadas rolantes e piso de mármore descaracteriza a própria essência do estádio, enquanto a mudança na ocupação do espaço visa substituir o torcedor pelo consumidor.



Imagen 19 - Hall do setor oeste da Arena Corinthians. Foto: Anderson Bueno Pereira

Este processo de transformação não apenas redefine a dinâmica identitária dos frequentadores do estádio, mas também altera significativamente o perfil socioeconômico dos torcedores. Enquanto antes predominavam torcedores das classes mais populares, caracterizados pela intensidade emocional e pela identificação profunda com o clube, a ascensão do modelo de consumidor favorece a presença de uma clientela de classe média ou alta, mais interessada em uma experiência passiva e confortável. Essa mudança de perfil socioeconômico reflete não apenas a reconfiguração física dos estádios, mas também uma reorganização

simbólica que privilegia o entretenimento comercial em detrimento da cultura e da identidade do futebol como fenômeno social e inclusivo.

Com base na análise dos dados coletados dos jogos do Corinthians contra o Palmeiras, evidencia-se uma significativa disparidade nos custos dos ingressos entre o período em que os jogos eram realizados no Estádio do Pacaembu e após a inauguração da Arena Corinthians. Constatou-se que a média dos ingressos no Estádio do Pacaembu era de R\$31,45 no período entre 2010 e 2019, enquanto que, a partir do momento da mudança para a Arena Corinthians, essa média aumentou para R\$63,67. Este aumento substancial na média dos ingressos sugere que a mudança espacial dos jogos resultou em um custo dobrado para os espectadores que desejam assistir aos jogos dentro do estádio. Tal fenômeno pode ser interpretado como uma reflexão das transformações no perfil socioeconômico dos frequentadores dos jogos, uma vez que a exigência de um valor mais elevado para os ingressos implica em uma seleção socioeconômica dos espectadores, afetando diretamente a acessibilidade e a inclusão social neste contexto esportivo.

A alteração dos valores dos ingressos também está intrinsecamente relacionada à mudança na acessibilidade geográfica dos jogos. Anteriormente sediados no Estádio do Pacaembu, localizado em uma área central da cidade de São Paulo e bem conectado por transporte público, os jogos agora ocorrem na Arena Corinthians, situada na zona leste da cidade. Essa mudança geográfica reduziu a centralidade dos jogos, tornando o acesso ao estádio menos conveniente para uma parcela significativa dos torcedores. O aumento do tempo e do custo de deslocamento para os jogos na Arena Corinthians influencia diretamente o perfil socioeconômico dos frequentadores, limitando a participação de espectadores de baixa renda e reforçando desigualdades socioeconômicas na experiência esportiva.

Em consonância com a análise acadêmica, observa-se que, embora uma base substancial de torcedores resida na zona leste, a recente modificação nos preços dos ingressos e nos custos associados ao consumo de alimentos tem contribuído para uma elevação geral dos custos de participação nos eventos esportivos. Além disso, a transição geográfica dos jogos do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians, localizada na zona leste de São Paulo, desempenha um papel crucial nesse contexto. Anteriormente, o Estádio do Pacaembu, situado em uma área central da cidade e servido por uma ampla rede de transporte público, proporcionava acessibilidade

conveniente aos torcedores. Contudo, com a mudança dos jogos para a Arena Corinthians, a centralidade geográfica foi comprometida, resultando em uma diminuição na conveniência do acesso ao estádio para uma parcela considerável da base de fãs. Este deslocamento geográfico acarreta um aumento substancial no tempo e nos custos associados ao transporte para os jogos, impactando diretamente o perfil socioeconômico dos espectadores.

Por conseguinte, pode ser observado que a alteração nos valores dos ingressos tem alguma relação à mudança na acessibilidade geográfica dos jogos. Esta transição, ao restringir a participação de indivíduos de baixa renda e ao reforçar as disparidades socioeconômicas na experiência esportiva, suscita reflexões pertinentes acerca das implicações sociais e econômicas das políticas de localização de estádios e preços de ingressos.

O espaço não é um objeto científico descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse espaço tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto ‘puramente’ formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já objeto de estratégias antigas, das quais nem sempre se encontram vestígios. O espaço foi formado, modelado a partir de elementos históricos ou naturais, mas politicamente. O espaço é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia. Existe uma ideologia do espaço. Por quê? Porque esse espaço, que parece homogêneo, que parece dado de uma vez na sua objetividade, na sua forma pura, tal como o constatamos, é um produto social (...). (LEFEBVRE, 2008, p. 61-62.).

Ao analisar a mudança nos valores dos ingressos dos jogos do Corinthians em comparação com a citação de Lefebvre, torna-se evidente como o espaço é intrinsecamente político e ideológico. Anteriormente, quando os jogos eram realizados no Estádio do Pacaembu, um espaço central e acessível, a média dos ingressos era significativamente mais baixa, refletindo uma certa inclusão socioeconômica dos espectadores. No entanto, com a mudança para a Arena Corinthians, localizada em uma região periférica da cidade, na qual tendo os valores dos ingressos dobrados torna o acesso mais restrito também para os torcedores do bairro corinthiano, limitando o acesso a uma parcela específica da população e reforçando

desigualdades socioeconômicas na experiência esportiva. Aliado a esse fator, mesmo com a acessibilidade do metrô a localização no extremo da linha vermelha o distancia dos moradores de outras regiões da cidade, o que se agrava com a característica específica de uma parte considerável dos jogos serem realizados em dias úteis e durante horas avançadas do período noturno, de forma que surgem enclaves a partir de questões como o horário de fechamento do metrô e CPTM e horário dos ônibus. Isso demonstra como o espaço não é apenas um cenário neutro, mas sim um produto social moldado por relações políticas e ideológicas, onde as decisões de localização dos eventos esportivos refletem e perpetuam essas dinâmicas de poder e exclusão.

Lefebvre ressalta que o espaço não é estático nem desprovido de significado, mas sim um produto social historicamente construído e politicamente moldado. Ao considerarmos a mudança de local dos jogos do Corinthians em relação aos valores dos ingressos, percebemos que o espaço não é apenas uma configuração física, mas sim um palco onde se desenrolam disputas políticas e ideológicas. A transição dos jogos do Pacaembu para a Arena Corinthians não apenas alterou a geografia dos eventos esportivos, mas também reconfigurou as relações de poder e acesso, destacando a influência das estratégias políticas e econômicas na construção e organização do espaço urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi investigar de maneira abrangente a mudança no perfil socioeconômico dos torcedores do Corinthians, com foco na alteração da média dos preços dos ingressos dos confrontos entre o Sport Club Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras, após a realocação dos jogos do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians. Além disso, procurou-se compreender como essa mudança do perfil socioeconômico está intrinsecamente relacionada ao espaço territorial, afetando a participação dos torcedores nos jogos do time alvinegro devido à conexão entre a crescente mercantilização do esporte e a arenização dos estádios de futebol. Após a contextualização da transição do futebol no território paulistano, o estudo iniciou-se com uma análise da construção do bairro do Pacaembu e do planejamento do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, destacando as transformações no conceito de um bairro jardim com a introdução de um equipamento esportivo que atraiu residentes de todas as áreas da cidade de São Paulo. Além disso, discutiu-se a importância do Estádio do Pacaembu para o futebol local, enfatizando a história do Sport Club Corinthians e a formação da identidade dos torcedores em meio às mudanças espaciais que o estádio experimentou.

Em seguida, explorou-se a história do time alvinegro, estabelecendo um diálogo sobre a mudança de sedes do Corinthians e seu impacto não apenas como uma mudança geográfica, mas como um catalisador de profundas reconfigurações nas dinâmicas urbanas e nas rotinas dos indivíduos envolvidos. Este movimento, apesar de localizado, reflete a natureza mutável da cidade, concebida por Lefèvre (2001) como uma obra em constante processo de transformação, influenciada pelas interações sociais e pela divisão do trabalho. A partir do conhecimento adquirido sobre a história do time analisado e dos dados coletados sobre a audiência e a renda total dos jogos do Sport Club Corinthians Paulista contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, desde os primeiros jogos no Estádio do Pacaembu até os últimos na Arena Corinthians, observou-se que o preço médio do ingresso duplicou com a mudança para uma arena multiuso, refletindo uma mudança na natureza do esporte de um evento participativo para um espetáculo passivo.

Ao analisar a mudança nos valores dos ingressos dos jogos do Corinthians em comparação com as ideias de Lefebvre, tornou-se evidente como o espaço é intrinsecamente político e ideológico. Anteriormente, quando os jogos eram realizados no Estádio do Pacaembu, um espaço central e acessível, a média dos ingressos era

significativamente mais baixa, refletindo uma certa inclusão socioeconômica dos espectadores. No entanto, com a mudança para a Arena Corinthians, localizada em uma região periférica da cidade, os valores dos ingressos dobraram, limitando o acesso a uma parcela específica da população e reforçando desigualdades socioeconômicas na experiência esportiva. Isso demonstra como o espaço não é apenas um cenário neutro, mas sim um produto social moldado por relações políticas e ideológicas, onde as decisões de localização dos eventos esportivos refletem e perpetuam essas dinâmicas de poder e exclusão.

Para direcionar futuras pesquisas, é essencial destacar a carência de estudos que abordem o impacto do esporte nas dinâmicas sociais e espaciais sob uma ótica geográfica. A escassez de pesquisas nesse campo representa uma lacuna significativa no entendimento das interações complexas entre o esporte e o espaço, bem como suas implicações sociais. Portanto, é fundamental incentivar investigações que explorem a influência do esporte na configuração e transformação dos espaços urbanos, além de seu papel na construção de identidades territoriais e nas relações sociais. Essas análises proporcionaram uma compreensão mais profunda das complexidades envolvidas na prática esportiva e permitiriam o desenvolvimento de políticas mais eficazes e inclusivas no contexto urbano e esportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo.** 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles et al. **Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento. v. 18, n. 2. Brasília, Universa. 2011.
- ARANHA-SILVA, E.; JURADO, F. L. S. **Industrialização e a sociedade brasileira.** Economia & Pesquisa (Araçatuba), Araçatuba - SP, v. 5, n.5, p. 6-28, 2003.
- BALE, J. **Sports geography.** 2 ed. London: Routledge, 2003.
- BARRETO, Túlio Velho; NASCIMENTO, Cristiano. **Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádio de futebol: o que pode mudar com a adoção do "padrão FIFA" para a Copa de 2014?.** 35º Encontro Anual da Anpocs. Recife. 2012
- BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians:** Etnografia de um processo de “atualização”. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura de Massas. O caso dos estádios brasileiros:** Da Revolução de Vargas ao fim do milagre econômico. 2003. 322 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- COSTA, Oswaldo Antônio Ferreira. **Presença e permanência do ideário da Cidade-Jardim em São Paulo:** o bairro do Pacaembu. 2014. 267 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
- GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. **O futebol nas ciencias humanas.** Editora da Unicamp, Campinas. 2020.
- GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Record: Revista de História do Esporte.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2012.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo. Annablume. 2005

Santos, Irlan Simões da Cruz, Helal, Ronaldo G. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. Tríade: comunicação, cultura e mídia, v. 4, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela. (Org.). **Futebol objeto**. São Paulo: Leya, 2014. p. 321-348.

JUNIOR, Ary; PADOVEZ, Elcio. A bola que vigia e pune: o uso do dispositivo como medida de segurança em arenas de Copas do Mundo. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41**. Joinville, 2018, p. 1-15

LEVÈBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFÈBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar; **Construindo a Cidade Moderna**: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. v. 13 n. 23, 1999: Esporte e Lazer

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MASCARENHAS, G; GAFFNEY, Christopher. A festa acabou? Está recomeçando? Os novos estádios de futebol e a disciplina socioespacial In: HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de; BURLAMAQUI, Luiz Guilherme (orgs). **Desvendando o jogo: Nova luz sobre o futebol**. Rio de Janeiro, EdUFF, 2014.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

PACAEMBU - O gigante sem dono. Plácido Berci, Pedro Maues e Vinícius Conde. São Paulo. 2012. Youtube.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SANTOS, Milton; Silveira, Maria Laura. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço em Henri Lefèvre**: Em direção a uma dialética tridimensional. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2012.74284>

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação:** cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SOUZA, Maria Claudia Pereira de. **O capital imobiliário e a produção do espaço urbano:** o caso da Cia City. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1988, pg. 35-46. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/5209>

STREAPCO, João Paulo. ‘**Cego é aquele que só vê a bola**’: O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole.** São Paulo Companhia das Letras, 1992.

SZMRECSÁNYI, Maria Irene. Introdução - Formação e percurso de uma ideia. In: OTTONI, Dácio Araujo Benedicto (ed.). **Cidades-jardins de amanhã.** São Paulo: Hucitec, 2002 (2a ed.)

TOLEDO, Luiz Henrique. “Políticas da Corporalidade: Socialidade Torcedora entre 1990-2010”, in: L. H. Toledo; J. Malaia; B. Buarque de Holanda; V. Andrade de Melo (orgs.). **A Torcida Brasileira.** Rio de Janeiro, Sete Letras, 2012.

THADEU, Bruno; KRIEGER, Rafael. Corinthians cobra agilidade na cessão do Pacaembu; Marco Aurélio Cunha é contra. UOL Esporte, São Paulo. 29 de setembro de 2009. Disponível em: <https://goo.gl/6J54b4>.